

Por geografias econômicas polanyianas¹

For Polanyian economic geographies

Jamie Peck
Departamento de Geografia,
University of British Columbia

Resumo

Karl Polanyi tem sido uma figura influente, mas também um tanto esquiva na geografia econômica. Mais conhecido por sua sugestiva noção de enraizamento social, talvez seja mesmo pertinente que a presença de Polanyi tenha sido mais metafórica do que substantiva. O artigo pergunta como seria uma geografia econômica polanyiana mais engajada. Concentrando-se nas afinidades metodológicas, desenvolve-se uma resposta em termos de um compromisso com a análise substantivista (em oposição à formalista) das formações econômicas realmente existentes, juntamente com a adoção mais proposital do institucionalismo, do holismo e do comparativismo.

Palavras-chave: Karl Polanyi, geografia econômica, substantivismo, institucionalismo, economia comparativa

Abstract

Karl Polanyi has been an influential but also somewhat elusive figure in economic geography. Best known for his evocative notion of social embeddedness, it is perhaps fitting that Polanyi's presence has been more metaphorical than substantive. The paper asks what a more engaged Polanyian economic geography might look like. Focusing on methodological affinities, a response is developed in terms of a commitment to the substantivist (as opposed to formal) analysis of actually existing economic formations, together with a more purposive embrace of institutionalism, holism, and comparativism.

Keywords: Karl Polanyi, economic geography, substantivism, institutionalism, comparative economics

Introdução

Quase meio século após sua morte, Karl Polanyi continua sendo uma figura enigmática e um tanto desconcertante, quase impossível de ser categorizada. Tendo conquistado um público leitor ampliado somente na década de 1990, como crítico do

¹ Traduzido por Felipe Nunes Coelho Magalhães, do original: Peck, J. (2013). For Polanyian Economic Geographies. *Environment and Planning A: Economy and Space*, 45(7), 1545-1568.
<https://doi.org/10.1068/a45236>

globalismo neoliberal *avant la lettre*, ele faleceu em 1964 convencido de que as patologias do capitalismo laissez-faire e do fundamentalismo de mercado poderiam ser seguramente confinadas à história. Mas a história não seguiu este caminho, e o legado de Polanyi foi esquecido de várias maneiras, e redescoberto seletivamente ao longo do percurso. Sua obra magna, *A Grande Transformação* (Polanyi, 1944), continua sendo uma fonte de inspiração, mas o interesse por seus escritos no pós-guerra acabou se dissipando, resultando num legado ambíguo.

Depois de atacar o formalismo equivocado e o individualismo metodológico da economia neoclássica, as consequências posteriores de sua prática (incompleta) podem ter cedido para a ciência sombria² as análises sobre as formações capitalistas avançadas. Tendo deixado para trás o sugestivo conceito de integração (social), sua outra concepção implícita – a economia desenraizada, *associal* ou de mercado puro – foi tratada de forma ambígua e inconsistente em seu trabalho. Ele inspirou uma geração de antropólogos econômicos, mas o fez como sintetizador criativo e professor inspirador, e não por meio de sua própria prática etnográfica. Conhecedor dos métodos do jornalismo político e da polêmica mordaz, seus escritos posteriores seriam enlouquecedoramente obscuros e nebulosos. Portanto, não é de se admirar que o legado intelectual de Polanyi continue a ser analisado e contestado, mesmo por comentaristas simpáticos (Burawoy, 2003; Dale, 2010a; Krippner, 2001).

Embora a vida e a obra de Polanyi tenham sido extradisciplinares em praticamente todos os seus aspectos, os intérpretes subsequentes tendem a "projetar seus próprios preconceitos disciplinares sobre sua obra" (Halperin, 1984, p. 249). Posteriormente, atuando como historiador econômico, ele foi amplamente reconhecido como uma das figuras fundadoras da antropologia econômica, mas esse campo se fragmentou nas décadas de 1970 e 1980 e só recentemente recuperou certo dinamismo (Hann e Hart, 2011). Polanyi tem sido uma figura emblemática na nova sociologia econômica, embora muitas vezes seja (mal) interpretado, cortesia da intervenção programática de Mark Granovetter (Krippner et al, 2004), ao mesmo tempo em que paira no pano de fundo das literaturas da teoria da regulação e das variedades do capitalismo (Hollingsworth e Boyer, 1997). Muito em virtude do engajamento da geografia econômica com esses últimos campos nas últimas duas décadas, Polanyi fez aparições fugazes (mas muitas vezes sugestivas) também nesta subdisciplina,

²Nota do tradutor: Ciência sombria (*dismal science*) é o apelido que foi dado à economia por parte de Thomas Carlyle, em seu "Discurso de ocasião sobre a questão negra", de 1849.

principalmente no contexto das discussões sobre enraizamento e institucionalismo (cf. Gertler, 2010; Grabher, 2006; Hess, 2004; Peck, 2005; Rossi, 2013). No entanto, os compromissos sustentados com o legado polanyiano continuam sendo poucos e raros na geografia econômica.

Esse fato é bastante surpreendente, tendo em vista a abrangência dos hábitos de leitura na área, e considerando-se que a geografia econômica e a economia polanyiana podem compartilhar, em linhas gerais, o mesmo objeto de investigação – a economia heterogênea, culturalmente influenciada, institucionalmente mediada, politicamente governada, e socialmente incorporada. Além disso, elas recorrem a repertórios metodológicos que se sobrepõem, geralmente favorecendo a análise qualitativa de formações econômicas fundamentadas e contextualizadas. E pode-se dizer que ambas estão engajados na "busca por princípios gerais de organização econômica em nosso mundo, [dada] a necessidade de explicar não apenas a forma comum, mas também a variação infinita" (Hann e Hart, 2011, p. 147). É verdade que, em mãos (neo)polanyianas, a "variação" tende a ser associada a um registro muito mais amplo de diferenças socioeconômicas do que tem sido normalmente observado na geografia econômica, começando com a Babilônia Antiga, passando pela Java rural, até chegar a Wall Street. No entanto, os geógrafos econômicos e os polanyianos estão preocupados com uma problemática comum, a de *situar a economia*.

Contudo, isso também pode ser visto como uma das maneiras pelas quais um (novo) envolvimento com o projeto polanyiano – em toda a sua amplitude, complexidade e potencial parcialmente realizado – pode ser um estímulo para a inovação metodológica na geografia econômica. Antecipando algumas das conclusões do artigo, vários princípios axiomáticos podem ser associados a geografias econômicas especificamente polanyianas. Em primeiro lugar, elas envolveriam um compromisso mais direto com a análise histórica e comparativa, comprometendo-se com o projeto heterodoxo perdido da "economia comparativa". Em segundo lugar, elas também procurariam ampliar e interrogar os registros de diferença *dentro* das economias locais, naquilo que Polanyi chamou de modos de integração, como as trocas e a reciprocidade, explorando não apenas suas lógicas distintas, mas também suas interseções, interações, contradições e complementaridades. Em terceiro lugar, seriam institucionalistas até o fim, e céticas em relação ao reducionismo econômico em todas as suas formas, expondo construções sociais e padrões institucionalizados, ao mesmo tempo em que tentariam, incansavelmente, enriquecer o imaginário político por meio da exploração de arranjos socioeconômicos alternativos. E, em quarto lugar, confrontariam

e trabalhariam explicitamente com as tensões entre os modos de análise holísticos e integrais e as metodologias de identificação de diferenças que revelam casos excepcionais ou disruptivos (ao invés de considerá-los abordagens irreconciliáveis).

Trata-se de uma maneira diferente de se pensar as relações entre o geral e o particular nas formações e transformações econômicas. Significa colocar explorações de práticas econômicas locais, inclusive práticas alternativas e radicais, em diálogo com preocupações macro, recorrentes e extralocais, como a interdependência econômica transnacional, o aprofundamento e a monopolização corporativa, a financeirização e a informalização, e a hegemonia neoliberal. À medida que as fronteiras arcaicas entre a geografia econômica e os estudos do desenvolvimento vão sendo gradualmente desmanteladas (Murphy, 2008); à medida em que as críticas pós-coloniais desafiam a prática de teorização a partir dos centros metropolitanos (Pollard et al., 2009); à medida em que a defesa da ampliação do alcance etnográfico do campo é elaborada e reconsiderada (Dunn, 2007); e à medida em que novas agendas de pesquisa se desenvolvem em torno da problemática das economias diversas, variadas e desigualmente desenvolvidas (Gibson-Graham, 2008; Peck e Theodore, 2007), há potencial para uma causa comum com o reenergizado campo da economia polanyiana, na busca de formas abundantes de análise econômica genuinamente transnacionais e relacionais. Curiosamente, qualquer conversa desse tipo deixaria em plena evidência as questões metodológicas sobre como teorizar a diversidade socioeconômica através de economias "locais" heterogêneas, bem como entre o capitalismo e seus outros.

O presente trabalho procura contribuir com essa empreitada ao questionar como a geografia econômica polanyiana pode ser especificada provisoriamente, enquanto metodologia reflexiva, ao invés de uma estrutura ou modelo fixo. O artigo se desenvolve em duas etapas. A primeira refere-se ao posicionamento de Polanyi, chamando a atenção para o contexto social e intelectual de sua obra. Como a vida de Polanyi foi pautada por deslocamentos, era praticamente inevitável que o potencial programático de suas iniciativas intelectuais e políticas não fosse alcançado plenamente; daí a necessidade de se entender o que permanece como uma estrutura metodológica emergente no contexto dessa produção limitada. Em seguida, no corpo do artigo, lê-se o legado polanyiano, de forma positiva e propositiva, com vistas à sua potencialidade metodológica para a geografia econômica. Aqui, quatro princípios metodológicos são considerados – o substantivismo, a variação, a dialética e o comparativismo –, cada um definindo uma zona de compatibilidade com a

prática geográfica econômica vigente, mas também abrindo oportunidades para a extensão e a elaboração desta prática. É verdade que essas possibilidades não estão muito disponíveis num formato pronto para uso; ao invés disso, elas emergem de uma avaliação relativamente generosa do projeto da economia substantivista de Polanyi, considerado por sua capacidade de catalisar ganhos de produtividade metodológica na geografia econômica. Por fim, a conclusão do artigo traz comentários sobre a distinção e o potencial das geografias econômicas substantivistas.

Homem fora do tempo

Aqueles que tentaram separar o método polanyiano do contexto de sua produção invariavelmente se frustraram. Na prática, a derivação e a aplicação dos conceitos centrais e dos modos de análise de Polanyi são difíceis, senão impossíveis de separar da biografia do autor, majoritariamente transnacional e interdisciplinar. São práticas incorporadas, forjadas no decorrer de uma vida profundamente moldada pelos movimentos tectônicos do fascismo, do capitalismo liberal, do socialismo de Estado e da guerra fria do século XX. Eles foram produzidos por um polímata inquieto que sempre "desafiou as rotulações acadêmicas" (Hann e Hart, 2011, p. 55), e que improvisou uma carreira a partir de transições escolhidas não muito livremente entre o jornalismo político, a educação dos trabalhadores, a instrução acadêmica e até mesmo um pouco de poesia. Michael Burawoy chamou atenção para as semelhanças entre as trajetórias percorridas por Gramsci e Polanyi, "cujos escritos foram devastados como carcaças de cadáveres – as partes mais úteis arrancadas de seu interior carregado de significado e transplantadas em teorias enfermas" (2003, p. 201). Há certa ironia no fato de que o pai simbólico do enraizamento (para invocar um desses conceitos ocasionalmente mal apropriados) tenha levado uma vida tão desenraizada, deslocado de Viena e do "socialismo funcional", que foi a inspiração de toda a sua vida, para a liminaridade de existências forjadas entre a Inglaterra, o Canadá e os Estados Unidos. Polanyi teve uma vida e um "padrão de pensamento", como a filha dele lembrou certa vez, persistentemente posicionado "contra a corrente" (Polanyi-Levitt, 1990, p. 1).

As conquistas da Viena Vermelha, da Revolução Russa e os fracassos do capitalismo liberal do início do século XX constituíram a "mola mestra" da vida e do pensamento de Polanyi (Humphreys, 1969, p. 169), e seu trabalho posterior no jornalismo forneceu interpretações críticas e em tempo real do presente sempre emergente, incluindo as

fortunas vacilantes do socialismo britânico, o desdobramento do *New Deal* nos Estados Unidos e a derrocada na direção do fascismo e da guerra na Europa. Os escritos de Polanyi na turbulenta década de 1930 serviram como notas de trabalho para *A Grande Transformação*, e ao mesmo tempo refletem uma tensão característica em todo o seu trabalho, "entre um certo utopismo e uma aguçada sensibilidade ao contexto histórico e político concreto" (Cangiani, 1994, p. 16). Mantendo certo otimismo do intelecto, Polanyi identificou oportunidades historicamente reflexivas nas crises de seu tempo (que ele descreveria nos termos de "movimentos duplos"), especialmente quando a incapacidade evidente da economia ortodoxa de explicar ou conter as grandes disrupções econômicas do período entre guerras "abriu espaço para buscas ecléticas, na economia comparada, por novas doutrinas" (Humphreys, 1969, p. 173). Essas buscas ecléticas continuaram a estimular o trabalho de Polanyi durante e após a Segunda Guerra Mundial, em conjunto com a evolução de sua estrutura analítica, embora elas também permanecessem como criaturas idiossincráticas do contexto.

Polanyi viveu os últimos anos de sua vida na América do Norte, num ambiente decididamente "menos liberal" do que sua experiência anterior na Europa (Humphreys, 1969, p. 175). Lecionando História Econômica na Universidade de Columbia, em Nova York, ele viajava diariamente até a universidade, de uma pequena casa na zona rural de Ontario, devido à intolerância, ao sul da fronteira, às associações de sua esposa com o Partido Comunista³. Exercendo (apropriadamente) a função de professor *visitante* de economia, mas envolvendo-se amplamente com materiais antropológicos, Polanyi traçou seu próprio caminho pós-disciplinar. Ao lado de um grupo de colaboradores juniores, ele coordenou um projeto da Fundação Ford sobre "aspectos econômicos do crescimento institucional", cuja meta ambiciosa era uma análise histórica e transcultural do "lugar da economia" numa ampla gama de sistemas sociais, da Grécia Antiga às sociedades mais contemporâneas, mas geralmente não-ocidentais ou "tribais" (Polanyi et al, 1957; Polanyi, 1977). Notavelmente ausente do programa de pesquisa do Polanyi do pós-guerra, especialmente para alguém cujo trabalho anterior — tanto como jornalista quanto nas páginas luminosas de *A Grande Transformação* — girava de forma tão contundente em torno da crítica ao capitalismo liberal, era qualquer envolvimento sério com as economias capitalistas avançadas da época..

³ Mesmo tendo sido socialista por toda a vida, o próprio Polanyi sempre desconfiou de filiações partidárias formais (veja Dale, 2010b).

Fatalmente, muitos interpretaram (equivocadamente) que isso implicaria que os conceitos polanyianos, como enraizamento, substantivismo e economia instituída, e as formas de integração econômica não-mercadológicas, como reciprocidade e redistribuição, aplicavam-se apenas às economias antigas, não ocidentais ou "primitivas".⁴ Ainda mais perniciosa foi a implicação inversa: a de que o aparato da economia formal poderia ser suficiente para as economias capitalistas avançadas.

Polanyi era cético quanto à teorização econômica formal, derivada apenas do "caráter lógico da relação entre meios e fins" e do problema singular da escolha sob escassez, dando preferência à alternativa substantivista: fundamentada numa compreensão mais ecossocial da economia, enraizada na "dependência do homem [sic] em relação à natureza e aos seus semelhantes para sua subsistência", que decorria da ideia de que "os processos e as instituições, juntos, formam a economia" (1959, p. 162; 1960, p. 329). Nascida sob circunstâncias restritivas, o potencial da alternativa substantivista nunca foi totalmente realizado. O debate sobre as abordagens formalistas (ou neoclássicas) versus substantivistas (ou realista-institucionalistas) da análise econômica, desencadeado por Polanyi, seria em grande parte conduzido em termos defensivos, no terreno da economia pré-moderna, logo reduzido a uma objeção abandonada ao imperialismo neoclássico, sussurrado desde as margens (geográficas) (Kaplan, 1968; Löfving, 2005). Em termos analíticos, o projeto de Polanyi no pós-guerra acabou se provincializando, enquanto mal colocava em xeque o universalismo neoclássico⁵. As afinidades com as críticas radicais às economias de mercado modernas, especialmente as marxianas, foram deixadas de lado por Polanyi, para depois serem rejeitadas por seus sucessores imediatos, que seriam atacados por parte de certos posicionamentos marxistas na década de 1970. No espaço reservado para as análises polanyianas das economias de mercado modernas das décadas de 1950 e 1960, houve apenas silêncio.

⁴Isso se refletiu na preocupação da antropologia econômica com "outros exóticos", que não seria complementada por etnografias do Primeiro Mundo até a década de 1990 (Löfving, 2005, p. 14).

⁵Aqueles que estavam observando de perto – na verdade, em perseguição ("stalking") pelos corredores da Universidade de Columbia, onde Polanyi lecionava – estavam, no entanto, cientes da ameaça representada pela socioeconomia polanyiana, já que o húngaro se tornara um alvo temporário do arqui-neoliberal Volker Fund no início da década de 1960 (ver Rothbard, [1961] 2004; cf. Peck, 2010). De forma reveladora, esse trabalho de demolição neo-austríaco foi intitulado *Abaixo o Primitivismo*.

Por que o próprio Polanyi aparentemente não chegou a aplicar seu esquema analítico pancultural à crítica radical do capitalismo *contemporâneo*? A explicação de Rhoda Halperin é persuasiva, embora circunstancial e ainda um tanto controversa. Ao defender o ponto de vista de que o aparato polanyiano não deve ser isolado geograficamente (como se o kit de ferramentas tivesse sido projetado apenas para economias pré-capitalistas) ou epistemologicamente (como um modo de análise distinto de outras formas heterodoxas radicais, especialmente o marxismo), Halperin explica os pontos obscuros do programa de pesquisa de Polanyi no pós-guerra e, na verdade, a obtusidade de grande parte dos textos escritos por ele na década de 1950, a partir do contexto ideológico do macartismo:

Polanyi foi extremamente cuidadoso ao evitar os termos capitalista, pré-capitalista e não-capitalista em seus escritos após 1950. Ele substituiu sistematicamente a palavra capitalista pela palavra mercado. [Sua defesa de métodos substantivos em detrimento de métodos formais de análise econômica] foi interpretada como se Polanyi estivesse apenas se opondo à análise econômica convencional por ser etnocêntrica em sua imposição de conceitos e categorias particulares ao mercado às economias pré-capitalistas. De fato, Polanyi se opôs à imposição da 'forma mercadológica das coisas' em economias essencialmente não mercadológicas. Entretanto, a rejeição de Polanyi não era uma simples rejeição das categorias analíticas capitalistas. O objetivo da rejeição era duplo: (1) mascarar sua crítica ao capitalismo em si; e (2) continuar sua análise transcultural das economias humanas. [Portanto, a] crítica ao capitalismo aparece nos escritos [do pós-guerra] de Polanyi principalmente como uma crítica aos conceitos econômicos (Halperin, 1984, p. 257).

Como resultado, não é por acaso que o Polanyi analítico do pós-guerra seja muito mais "difícil de ler" do que o Polanyi polêmico do pré-guerra; depois de *A Grande Transformação*, ele aprendeu a escrever "numa espécie de código, a fim de evitar qualquer associação com Marx durante a década de 1950", tomado por uma consciência visceral de que estava "andando sobre cascas de ovos políticas" (Halperin, 1994, p. 43). Lewis Coser (1984, p. 171-172), que considerou Polanyi como um dos principais "refugiados" intelectuais nos Estados Unidos, também observou que a "atmosfera de caça às bruxas durante a Guerra Fria" o remeteu a uma vida "perpetuamente em trânsito" entre Nova York e sua casa no Canadá; na década de 1950, o "instinto de jugular" que havia sido revelado na reinterpretação radical da Revolução Industrial em *A Grande Transformação*, o coração tanto do capitalismo de livre mercado quanto da economia clássica, havia sido sufocado por um estilo de engajamento mais enigmático e circunspecto.

Segundo Halperin, a crítica "mascarada" de Polanyi ao capitalismo contemporâneo obscureceu tanto seu compromisso contínuo com o socialismo quanto suas

complexas afinidades com o marxismo, uma afirmação recentemente reforçada pela recuperação radical do projeto polanyiano feita por Burawoy (2003) (ver também Cangiani, 2011; Dale, 2010b). Todavia, essas alegações de afinidades e complementaridades marxianas na economia "humanista" de Polanyi foram, por um tempo, argumentos controversos e desagregadores, principalmente porque o principal discípulo de Polanyi, George Dalton, lutou contra elas até o fim de sua carreira – a ponto de supostamente reprimir a publicação da exposição de Halperin por nove anos (Isaac, 2005). De fato, o substantivismo polanyiano foi submetido a algumas críticas marxistas robustas na década de 1970, o que sem dúvida contribuiu para a determinação de Dalton de que essas teorias eram "rivais" (ver Dalton, 1990; Jenkins, 1977). Entretanto, Barry Isaac (2005, p. 20) conclui que Polanyi teria ficado "profundamente chocado" com o exílio metodológico autoadministrado pelo grupo de Dalton, muito tempo depois de McCarthy, uma vez que seu objetivo programático era estabelecer "uma estrutura verdadeiramente universal para a economia comparativa". Como Dale (2010b) registrou, a esposa e a filha de Polanyi também ficaram chocadas; o homem que elas conheciam não gostava de chavões reformistas e tampouco estava inclinado a fazer um pacto com a economia neoclássica durante a Guerra Fria, especialmente se isso significasse ceder a análise das economias do "mundo livre" a Milton Friedman e à Escola de Chicago.

Para Fred Block (2003), a estrutura polanyiana mais expansiva encontrou a expressão metodológica definitiva, embora ainda moderada, na noção da "economia sempre enraizada", que ele associa a um suposto afastamento do marxismo (pelo menos em sua vertente ortodoxa), que vai, mais ou menos, da segunda metade de *A Grande Transformação* até o final de sua vida. Mas essa leitura pós-marxista de Polanyi é extrapolada, principalmente por sua rejeição fundamentada ao determinismo econômico, ao materialismo bruto, à teleologia e ao automatismo – talvez um sinal de rejeição do estruturalismo vulgar, mas dificilmente uma causa para o afastamento de todas as formas de teoria (neo)marxiana (Burawoy, 2003; Cangiani, 2011; Dale, 2010a).

Numa abordagem diferente, Burawoy aponta Polanyi e Gramsci como coprogenitores de um marxismo sociológico. Essa forma reconstituída de economia política, que ressoa nas tendências recorrentes na economia política geográfica (Peck e Theodore, 2007; Sheppard, 2011; cf. MacKinnon et al, 2009; Peck e Zhang, 2013), não se baseia num modelo de estágios históricos do capitalismo, mas na problematização das formações econômicas profundamente variegadas e relacionalmente interpenetradas, que se tornaram

características dos complexos em expansão do capitalismo global e de seus outros (reais e potenciais):

O marxismo sociológico dispensa o materialismo histórico – as leis de movimento dos modos de produção individuais e a sucessão linear de um modo de produção após o outro – e os substitui pela coexistência de múltiplos capitalismo e socialismos emergentes numa economia mundial singular (Burawoy, 2003, p. 214; veja também Jessop, 2012).

Embora nos últimos anos a "voz profética de Polanyi (...) tenha dado lugar a proposições acadêmicas mais inócuas" (Saul, 2005, p. 503), isso não precisa ser interpretado como uma refutação do potencial radical da sua abordagem. Talvez Polanyi possa ser perdoado por pensar, em sua aposentadoria e após o longo congelamento do macartismo ter finalmente começado a descongelar, que a perspectiva de uma restauração hayekiana da economia de livre mercado não era algo apenas distante, mas também remoto⁶. Sua visão era de que, "além do [senador Barry] Goldwater e de seus seguidores, não havia nenhuma preocupação séria (...) de que o afastamento constante do sistema de mercado não regulamentado" nos países capitalistas avançados fosse interrompido por um ressurgimento político pró-mercado (Dalton, 1965, p. 17).⁷ No período em que Polanyi faleceu, em 1964, de fato pode ter parecido que o fluxo da história havia tardiamente justificado seus prognósticos dos tempos de guerra, tornando redundantes os sonhos hayekianos de uma contrarrevolução de livre mercado, de modo que o mundo havia finalmente "alcançado" este húngaro deslocado (McRobbie, 1994; Peck, 2010). Ideologicamente, o cenário econômico do início da década de 1960 era rudemente multipolar (talvez bipolar), e até mesmo as economias capitalistas mais dinâmicas eram bem inegavelmente "mistas".

⁶A perspectiva histórica de Polanyi (1959, p. 174) era a de que "havia se instalado uma recessão nos mercados, desde seu auge no século XIX". Confirmando, aparentemente, que não via o projeto substantivista como um empreendimento exclusivamente extra capitalista, Polanyi comentou ainda que, "[em] relação ao próprio sistema de mercado [ou seja, o capitalismo avançado], o mercado como único quadro de referência está desatualizado" (1959, p. 184). Entrando em depressão na década de 1960, Hayek pode ter vindo a partilhar da opinião de Polanyi de que a tendência histórica apontava *na direção oposta* da sociedade de mercado, e não para uma iminente restauração (neo)liberal (Peck, 2010). Pelo menos neste ponto, provou-se que ambos estavam errados.

⁷Ironicamente, a malfadada candidatura presidencial de Goldwater em 1964 – o ano da morte de Polanyi – é hoje reconhecida como o primeiro sinal de uma ascendência claramente *neoliberal* nos Estados Unidos. Milton Friedman foi um dos consultores econômicos de Goldwater, um dos poucos políticos que não decepcionaria o expoente da escola de economia de Chicago (Peck, 2010).

Paradoxalmente, foi a ascensão do neoliberalismo que deu ao legado polanyiano uma nova, porém indesejada, relevância, embora (inicialmente) como uma fonte de polêmicas antimercado e não como uma referência para a economia política comparativa substantivista (Peck, 2012a). E embora possa ser verdade que a "vertente anticapitalista da obra de Polanyi", especialmente representada por sua crítica contundente ao *laissez-faire* e ao *moinho satânico* do capitalismo na Inglaterra do século XIX, tenha sido "atenuada por sua crença, mais evidente em seus escritos do pós-guerra, de que suas iniquidades poderiam ser superadas por meio de reformas institucionais" (Dale, 2010a, p. 248), as mais profundas convicções de Polanyi continuaram mais radicais e abrangentes. A "primazia da política" seria um princípio polanyiano duradouro (Block, 2012); "o futuro", afirmava ele, "está sendo constantemente refeito por aqueles que vivem no presente" (Polanyi-Levitt e Mendel, 1987, p. 22). Havia sido uma vantagem discutível, Kari Polanyi-Levitt (1990, p. 1) refletiu no final da década de 1980, o fato de seu pai nunca ter estado "na moda". Para piorar, no final da década Reagan/Thatcher, sua voz parecia quase irremediavelmente "fraca" (McRobbie, 1994b, p. IX). Aquele historiador econômico, aparentemente, havia sido relegado à história, embora suas contribuições não tivessem sido totalmente ignoradas em abordagens retrospectivas. Numa dessas avaliações, Coser (1984, p. 173) observou que, a despeito da influência de Polanyi ter se tornado insignificante nos anos Reagan, ele merecia menção honrosa como um dos membros daquele "pequeno grupo de pensadores econômicos hereges, de Veblen a Galbraith, que perturbam a paz intelectual em departamentos de economia tradicionais". Foi somente nos anos de 1990, a década da globalização e do livre mercado, que Polanyi foi redescoberto, exatamente por um tipo de audiência ampla que lhe foi negada ao final de sua vida.

Hoje em dia, a herança polanyiana é novamente relevante e ao mesmo tempo contestada, geralmente de forma produtiva. Após a reedição de *A Grande Transformação*, em 2001, o homem até entrou passageiramente em moda. Os Daltonistas podem ter levado sua versão circunscrita do substantivismo para os rochedos das Ilhas Trobriand, mas há uma justiça irônica no fato de Polanyi ser redescoberto na época das declarações sobre o fim da história e da vitória definitiva do capitalismo de livre mercado (mais uma vez, como expressão da suposta forma mais elevada de desenvolvimento da sociedade). O trabalho de Polanyi tem sido extensivamente explorado, neste contexto, por refutações preventivas retoricamente incisivas por parte das reivindicações fundamentalistas de mercado. Enquanto isso, sua aparição quase acidental no manifesto microsociológico de Mark Granovetter pela

economia das redes (Granovetter, 1985; Krippner et al, 2004) foi um grande estímulo para o desenvolvimento da nova sociologia econômica, embora a influência polanyiana nesse trabalho tenha permanecido altamente estilizada (Barber, 1995; Krippner, 2001; Peck, 2005). Entretanto, além desses empréstimos seletivos, houve poucas tentativas, pelo menos até o momento, de exploração do potencial metodológico mais amplo da economia substantivista. Nesse sentido, o projeto de Polanyi, programaticamente ambicioso, mas praticamente incompleto, de uma economia comparativa pós-disciplinar, institucionalmente holística, de alcance global, mas anti-universalista em sua forma, ainda não encontrou seu momento. Em resposta a essa abertura, o restante do artigo explora o que a geografia econômica pode ganhar com uma leitura mais proativa do legado polanyiano, e o que ela pode contribuir para esse projeto interdisciplinar.

A economia substantivista como método

A partir da discussão anterior, conclui-se que há muitas maneiras de ler Karl Polanyi, logo, nenhuma literalidade textual permitirá interpretações decisivas e definitivas. Não se trata de um *corpus* organizado ou completo. A natureza irregular e truncada do programa intelectual de Polanyi significa que até mesmo a atenção minuciosa à essência de seus escritos ao longo da vida pode desencadear tanto novas disputas e releituras quanto tentativas de se consolidar entendimentos definitivos⁸. No entanto, há muita inspiração em seu trabalho. Embora seja fácil encontrar inconsistências e pontos cegos na obra de Polanyi, ela também pode ser lida de forma mais construtiva, com atenção ao seu propósito programático, seu potencial metodológico e seu espírito orientador. Como argumentou Stephen Gudeman (2001, p. 84), "talvez Polanyi não tenha escrito com a erudição de Mauss, a graça de Malinowski ou a força de Lévi-Strauss, mas ele é persuasivo por suas ideias, se não por seus dados". Seu estilo de exposição "oscila entre a metáfora e a metateoria", mas articula "uma série de argumentos causais constantes" através de uma variedade impressionante de casos e conjunturas (Block e Somers, 1984, p. 71). Isso implicou uma metodologia distinta, um meio de articular a teoria emergente com a análise reflexiva (ou

⁸Seria mais justo dizer, por exemplo, com relação a interpretações alternativas do Polanyi "duro" (ou radical) e seu alterego "mais suave" (ou reformista), que *ambas* leituras são historiograficamente confiáveis, e que é impossível deliberar decisiva ou definitivamente em favor de uma, em detrimento da outra (ver Dale, 2010b).

"retrodutiva") de casos múltiplos e *intencionalmente* variados, trabalhando entre o reconhecimento da heterogeneidade e a ambição de uma explicação holística.⁹ Ao invés de compilar partes selecionadas ou de essencializar a obra de Polanyi, a abordagem abaixo se propõe a ler seu programa substantivista de forma aberta e generosa, buscando injunções metodológicas positivas, ao invés de diretrizes rígidas e rápidas. O trabalho não se deterá em silêncios, inconsistências ou 'pontas soltas' (e menos ainda na formulação de justificativas para isso), procurando, ao contrário, desenvolver um trabalho positivo a partir dos *insights* metodológicos que possam ressoar nas práticas de pesquisa existentes, emergentes ou realizáveis na geografia econômica contemporânea.

Nesse espírito, a discussão que se segue chama a atenção para quatro dimensões potencialmente produtivas da analítica polanyiana. A primeira delas diz respeito ao substantivismo. A abordagem substantivista de Polanyi foi forjada, por um lado, por meio de críticas às práticas econômicas ortodoxas do mercado-centrismo, do formalismo analítico e do individualismo metodológico e, por outro lado, pelo avanço de uma alternativa fundamentada nos princípios do holismo, do institucionalismo e do realismo (ver Despain, 2011; Gemici, 2008). Em segundo lugar, o argumento a favor de uma análise relativamente aberta, empiricamente informada e teoricamente pluralista a respeito de economias híbridas, mais do que capitalistas e variegadas é apresentado com base nessa rejeição do monismo economicista (consulte Block, 2000; Gudeman, 2001). Em terceiro lugar, a concepção amplamente circulada de Polanyi sobre o duplo movimento é interpretada em termos metodológicos como uma justificativa para uma forma de análise dialética, estrategicamente centrada naqueles reflexos (sociais e institucionais) desencadeados pela mercantilização e a comoditização que nunca são singulares ou previsíveis, mas sempre variáveis e politicamente dinâmicos (ver Halperin, 1994; Silver e Arrighi, 2003). Por fim, esta seção termina com uma discussão acerca do princípio metodológico do comparativismo, com base na demonstrável "força da abordagem [de Polanyi]", e na combinação da "originalidade metodológica [com uma] ampla gama de comparações", tanto histórica quanto geográfica (Humphreys, 1969, p. 180; Peck, 2012a). Isso lembra a ambição final de seu programa

⁹Sobre a retrodução na economia heterodoxa, ver Fleetwood (2001), Downward e Mearman (2007) e Jones e Murphy (2011). A respeito das tensões entre o holismo metodológico e a heterogeneidade, ver Peck (2012b) e Brenner et al (2011).

analítico, que era de criar espaço para um projeto interdisciplinar de "economia comparativa" heterodoxa.

Pelo substantivismo

O debate entre formalismo e substantivismo pode ter sido iniciado por Polanyi, mas só esquentou depois de sua morte. Combatido pelo grupo de Dalton (veja Dowling, 1979), aquilo que tornara-se uma defesa de uma leitura restritiva do substantivismo cristalizaria, de forma improdutiva, uma divisão binária entre um conjunto de abordagens mais indutivas, etnográficas e substantivas, por um lado, e as abstrações idealizadas e baseadas na economia de mercado da economia neoclássica, de outro, projetando esse binarismo numa divisão derrotista do trabalho metodológico, na qual o substantivismo seria supostamente adequado *somente* para os estudos do mundo extracapitalista (ou sociedades pré-capitalistas, antigas), enquanto a economia neoclássica seria implicitamente considerada como bem adaptada às condições das sociedades de mercado modernas. Essa era uma porta que o próprio Polanyi havia deixado escancarada, em parte por sua negligência no pós-guerra em relação às economias capitalistas em si (até certo ponto devido aos cálculos políticos enfatizados por Halperin e Coser), e em parte por declarações programáticas enganosas (ou defensivas), como sua observação de que o aparato da economia neoclássica era aplicável apenas a "uma economia de um tipo definido, qual seja, um sistema de mercado" (Polanyi, 1957, p. 247).

A alegação de Halperin (1984; 1994) de que os argumentos de Polanyi contra o formalismo eram, na verdade, uma *proxy* politicamente necessária para sua crítica "mascarada" ao capitalismo torna-se cada vez mais convincente, quanto mais se segue a lógica de seu contra-argumento institucionalista. A objeção de Polanyi não se referia aos métodos formais, como a modelagem ou a quantificação, cuja função ele defendia.¹⁰ Em vez disso, ela tomou a forma de um ataque ao individualismo metodológico, ao raciocínio mecanicista e ao monismo da escolha racional. Baseando-se na posição aristotélica de que o

¹⁰ As descrições devem fornecer detalhes de situações e processos sociais, explicitando quem faz o quê, para quem, em que circunstâncias, com que frequência e com que efeito", escreveu Polanyi, "A determinação quantitativa dos fenômenos é buscada sempre que possível. Padrões de localização, processos, mecanismos, operações e seu funcionamento podem ser muito bem ilustrados por meio do uso de modelos" (notas não publicadas de 1956, citadas em Halperin, 1994, p. 44).

todo precede as partes, Polanyi contestou vigorosamente o conceito de *homo economicus* e suas derivações, desafiando a visão ortodoxa de que racionalidades invariantes e individuais, se não *primordiais*, estabeleciam (micro)fundações duradouras para lógicas econômicas universais. Ao invés disso, as instituições sociais, efetivamente, vêm em primeiro lugar. "Atos de troca ou permuta, em nível pessoal, produzem preços somente se ocorrerem sob um sistema de formação de preços de mercado", argumentou Polanyi (1959, p. 170), "uma configuração institucional que não é criada em lugar algum por meros atos aleatórios de troca". Trabalhando através de vários níveis de abstração, Polanyi "optou por concentrar sua análise no nível das instituições concretas" (Block e Somers, 1984, p. 69), sendo assim o "principal instrumento metodológico" de seu tipo de substantivismo a "análise institucional" (Polanyi, apud Dale, 2011, p. 317).

Segundo Polanyi, o institucionalismo metodológico deveria ser privilegiado em relação ao individualismo metodológico, um princípio aplicável tanto em sociedades de mercado quanto naquelas não baseadas em mercados. As análises institucionalistas devem atender devidamente aos padrões organizados (ou "instituídos") de valoração, entendimento e comportamento que são culturalmente estabilizados e contestados em diferentes socioeconomias. Conceitual e metodologicamente, o princípio sociológico fundamental aqui é o de que as formações institucionais preexistem ao padrão dos comportamentos individuais (Vidal e Peck, 2012). Isso posiciona Polanyi na longa linha de teóricos institucionalistas que se estende não apenas até Marx, mas, de forma mais explícita, até a batalha sobre os métodos (*Methodenstreit*) do final do século XIX entre os marginalistas e os historicistas.

Não há dúvidas a respeito do lado em que Polanyi estava, pois ele se opunha particularmente à metodologia da imposição universal e ortodoxa da "forma mercadológica das coisas", desafiando a propensão dos neoclássicos "formalistas (...) de enxergar o individualismo abstrato em todos os lugares" (Polanyi, 1977, p. XL; Hann e Hart, 2011, p. 70). Os formalistas haviam destilado a sua visão idealizada da lógica pura do mercado não a partir das condições reais das economias existentes, mas, ao invés disso, haviam "abstraído, de toda a história do pensamento econômico, um período, que se situa basicamente entre Marx e Keynes, e o alçaram à universalidade" (Gudeman, 1978, p. 1). A "teia de preconceitos" resultante havia produzido "uma tendência de se enxergar mercados onde eles não existem" (Polanyi, 1959, p. 174). Essa ótica de mercado tornava visível (apenas) um mundo em que

os indivíduos agem munidos de informações completas e de modo preventivo; em que todas as ações resultam de decisões economicamente racionais e são direcionadas para fins que são sempre maximizados; em que não há restrições culturais ou psicológicas na tradução das decisões em ações imediatas; e em que todos os indivíduos fazem escolhas e agem de forma totalmente independente uns dos outros. Dentro desse mundo idealista, os economistas têm sido capazes de agir com consistência lógica, certeza dedutiva e, frequentemente, elegância matemática. Em resposta às críticas de que esse mundo idealizado parece ter pouca relação com qualquer sistema econômico empírico concreto, os economistas responderam que esse é o caminho da ciência (Kaplan, 1968, p. 236-237).

No entanto, há outras formas de ciência, e o caminho alternativo de Polanyi era substantivista no sentido de que exigia um envolvimento iterativo com *economias reais* efetivamente existentes (ou anteriormente existentes), entendidas em termos de seus padrões predominantes de institucionalização, aplicando, questionando e refinando conceitos de nível intermediário ao longo do caminho. Essa é uma comprovação da teorização reflexiva com casos concretos, de forma especialmente sensível ao contexto socioinstitucional. "A economia substantiva é situada tanto no tempo quanto no lugar", observa Halperin (1994, p. 209); "A economia formal, ao contrário, opera num vácuo de tempo e espaço".

A economia formal dos lógicos da escolha racional contrastava de forma acentuada (e desfavorável) com a economia substantiva dos institucionalistas, abordagens separadas como se estivessem em "direções opostas da bússola", com o modelo singular da primeira sendo derivado puramente "da lógica", enquanto as concepções variegadas da segunda eram moldadas "a partir dos fatos" (Polanyi, 1959, p. 162-163). Para Polanyi, a "fonte dos [...] conceitos substantivos é a própria economia empírica", na qual ele baseou uma preocupação programática com o "lugar mutável ocupado pela economia na sociedade [na forma do] estudo do modo como o processo econômico é instituído em diferentes tempos e lugares" (1959, p. 166, 168).

Essa preocupação substantivista com a pluralidade das economias reais combinou-se com uma adesão ao institucionalismo metodológico. A abordagem de Polanyi representa uma forma distinta de institucionalismo heterodoxo, posicionada não apenas na extremidade oposta da bússola em relação à economia neoclássica, mas também a uma certa distância das formas mais estruturais do marxismo. Por outro lado, como sugere a tabela 1, sua abordagem pode ser vista numa posição similar no universo da teoria econômica como a economia política geográfica (Sheppard, 2011), evitando o formalismo e o individualismo em favor do substantivismo e do institucionalismo.

Tabela 1. Mapeando metodologias econômicas

	Individualismo	Institucionalismo
Formalismo	Economia neoclássica, novo institucionalismo, marxismo analítico, nova economia política (ortodoxa)	Marxismo clássico, macroeconomia estruturalista, teoria dos jogos evolucionária
Substantivismo	Economia austríaca, sociologia das redes	Economia polanyiana, marxismos anti-essencialistas, economia institucional, feminismo heterodoxo, economia política geográfica

Fonte: Desenvolvido a partir de Adaman e Madra, 2002.

O substantivismo de Polanyi pode ser menos dedutivo do que a economia neoclássica, mas certamente não é ingenuamente indutivo ou cegamente empírico; sua sensibilidade "transdutiva" se assemelha a algumas das rotinas metodológicas características do realismo crítico ou, na verdade, da etnografia global, percorrendo o caminho entre afirmações teóricas (revisáveis) e uma gama de casos profundamente contextualizados (ver Burawoy, 2009; Despain, 2011; Pålsson Syll; 2005; Sayer, 2005).¹¹ Enquanto "uma abordagem 'formalista' enfatiza a operação regular das (...) afirmações universais da economia neoclássica", entendidas como leis positivistas pouco mediadas, o substantivismo "dá prioridade ao conteúdo empírico das circunstâncias materiais e contesta a ideia de que a diversidade possa ser adequadamente compreendida por meio de um único conjunto de conceitos" (Hann e Hart, 2011, p. 57). Para Polanyi, isso assumiu a forma de uma investigação programática (através de múltiplos casos, contextos e, na verdade, séculos) daquilo que ele retratou como os modos institucionalizados de integração econômica: "Prefiro lidar com a economia primordialmente como uma questão de organização, e definir a organização nos termos das operações características do funcionamento [dessas] instituições" (Polanyi, 1960, p. 330).

Assim, a "definição substantiva da economia serve, necessariamente, para colocar o econômico de volta no contexto do todo social" (Block e Somers, 1984, p. 63). Isso implica um estreito envolvimento metodológico com uma série de economias realmente

¹¹Polanyi defendeu essas posições quase realistas precocemente, em meados da década de 1920, em parte em conversas com Karl Popper (Humphreys, 1969, p. 170). "Termos e definições construídos sem referência a dados factuais são vazios, enquanto a mera coleta de fatos sem um reajuste de nossa perspectiva [teórica] é estéril. Para quebrar esse círculo vicioso, a pesquisa conceitual e empírica deve avançar *pari passu* [lado a lado]. Nossos esforços devem ser sustentados pela consciência de que não há atalhos nessa trilha de investigação" (1977, p. LIV-LV). Isso é bastante difícil de se conciliar com a afirmação desprovida de evidências de Gudeman (2001, p. 84) de que "Polanyi [era] um empiricista".

existentes (passadas e presentes), de uma forma atenta às várias formas sociais e institucionais em que a provisão de necessidades materiais foi (e pode ser) organizada. Além disso, convocam-se formas de análise fundamentadas e detalhadas, nas quais o momento indutivo é levado a sério (embora não seja privilegiado de forma unilateral), como um componente de explicações polivalentes que se baseiam, criativamente, numa série de recursos teóricos heterodoxos. A complexidade multifacetada das economias do mundo real é vista como algo que milita contra a imposição de esquemas explicativos universais ou monológicos, como os da economia neoclássica (ou, a propósito, do marxismo comum). Enquanto as explicações substantivistas são elaboradas em quadros plenamente contextualizados e saturados institucionalmente, o formalismo implica uma preferência por um raciocínio parcimonioso, modelos pré-fabricados e lógicas singulares, como o paradigma da escolha racional. Como disse Sahlins (1972, p. XI-XII), em seu *tour de force* substantivista, *Economia da Idade da Pedra* ("Stone Age Economics"), a questão se resumia a uma escolha analítica rigorosa "entre a perspectiva dos negócios, pois o método formalista deve considerar as economias primitivas como versões subdesenvolvidas das nossas, e um estudo culturalista que, por uma questão de princípio, honra as diferentes sociedades pelo que elas são".

Ainda que raramente seja declarado de forma tão direta, isso reflete a prática predominante em grande parte do campo da geografia econômica, que pode ser considerado substantivista em espírito, ainda que não explicitamente. Em comparação ao alcance histórico e geográfico da análise de Polanyi, as bases empíricas da teorização geográfico-econômica parecem pouco aventureiras, sendo distorcidas a favor de casos "capitalistas avançados" e não contra eles. Ademais, Polanyi certamente teria prescrito uma forma heterodoxa menos complacente diante do formalismo do século 21, que é a economia geográfica neoclássica. Uma lição, talvez, da reconstrução da sociologia econômica influenciada por Polanyi é que a coexistência passiva com a ortodoxia econômica é um exercício autolimitado (Peck, 2005; Vidal e Peck, 2012). O substantivismo não deve ser interpretado como uma desculpa para o empiricismo disfarçado, mas implica a contestação pluralista e robusta do imperialismo neoclássico.

Pela variação

"Somente o significado substantivo de 'econômico'", afirmou Polanyi (1957, p. 244), "é capaz de produzir os conceitos exigidos pelas ciências sociais para uma investigação de todas as economias empíricas do passado e do presente". Como os entendimentos e as ações econômicas são sempre mediados por formas institucionais, essas instituições (variáveis) podem fornecer pontos de entrada para a compreensão de formações econômicas variadas. A economia instituída de Polanyi era multilógica. Ele identificou três (e, ocasionalmente, quatro) "modos de integração econômicos" distintos a partir de suas pesquisas históricas e comparadas – reciprocidade, redistribuição e troca, sendo o quarto a domesticidade – estendendo assim sua crítica ao monismo do mercado a um princípio ontológico pluralista. Esses modos de integração são encontrados numa ampla gama de combinações heterogêneas e, mesmo quando um deles é claramente dominante, esse domínio pode ser codependente em relação a outras formas. Nessa condição, os modos de integração (geralmente em combinações híbridas) estabelecem a base para a organização de capacidades (re)produtivas e (re)distributivas em diferentes sociedades, que refletem e normalizam padrões de crença e comportamento, e que são estabilizados por meio de processos de institucionalização. Em conjunto (e, na verdade, somente em conjunto), eles governam as maneiras pelas quais as economias reais funcionam, como locais combinatórios de múltiplas racionalidades, interesses e valores, e não como espaços governados por leis econômicas singulares e invariáveis.

Em sua raiz, a economia polanyiana assume a forma de um "processo instituído de interação que serve à satisfação de desejos materiais" (Polanyi, 1977, p. 31), uma "parte vital" de toda sociedade, embora não totalmente determinante: "O homem [sic], embora possa não ser capaz de viver apenas de pão, não pode existir sem pão" (Polanyi, apud Halperin, 1994, p. 47). Todas as economias compreendem uma matriz de movimentos e relações materiais que Polanyi resumiu em termos de dinâmicas "loacionais" e "apropriacionais", suas palavras-código oblíquas, como foi sugerido, referentes aos processos correlatos que são os conceitos marxianos de forças e relações de produção (Halperin, 1994). Os movimentos loacionais envolvem a produção e o transporte de bens materiais, incluindo os fluxos de recursos, energia, trabalho e produtos finais. Os movimentos apropriacionais referem-se às dinâmicas de organização econômica, ao controle e aos direitos, especialmente os direitos à terra e à propriedade, e à concepção dos processos

de trabalho. Definidos no mais alto nível de abstração, na concepção de múltiplas camadas de Polanyi sobre a economia, os movimentos locacionais e apropriacionais representam critérios analíticos aplicáveis a todas as economias, capitalistas ou não. Eles também refletem a afirmação plena de Polanyi de que todas as economias são economias "mais do que capitalistas" (Sheppard, 2011).

No nível seguinte do modelo, estão os modos de integração que se referem, em essência, aos padrões institucionalizados de organização econômica – reciprocidade, redistribuição, troca e domesticidade – que são definidos de forma semelhante aos tipos ideais weberianos (vide tabela 2). Os modos de integração *recíprocos* estão enraizados em lógicas sociais recorrentes que envolvem dar e receber; eles podem ser vistos como economias comunitárias ou de distribuição de dádivas, sendo baseados em relações sociais amplamente simétricas, como aquelas enraizadas em redes de parentesco. Os sistemas *redistributivos*, por outro lado, são normalmente marcados por movimentos de apropriação por uma autoridade central, tribal ou governamental, reconhecida. Em seguida, o modo mais familiar de integração, a *troca*, que tem como locus o mercado, mas dificilmente em sua forma típica; é associado às relações sociais polidirecionais, de curto prazo e mais aleatórias, organizadas sob mercados formadores de preços que são institucionalizados de forma variável. Por fim, temos a *domesticidade*, a menos formalizada das categorias de Polanyi, organizada em torno dos princípios de "uso próprio" ou provisão em grupo, em suas várias formas domésticas, baseadas em afinidades ou familiares, cuja característica dominante é a circularidade.

Tabela 2. Modos contrastantes de integração econômica

	Reciprocidade	Redistribuição	Troca	Domesticidade
<i>Locus</i>	comunidade	autoridade central	mercado instituído	grupo fechado
Dinâmica	Simétrica	centralizada	multidirecional	introspectiva
Motivo	socialidade mútua	taxas/obrigações	ganho individual	autoprovisão
Governança	Social	costume ou lei	preço	circulação
Subjetividade	dar e receber	fidelidade	barganha	grupo
Objeto	Presente	imposto-tributo	mercadoria	recursos para uso próprio
<i>Loci classici</i>	Anéis de Kula de Trobriand	Sistemas de armazenamento da Babilônia	capitalismos do século XIX	economias rurais; família patriarcal

As formas de integração de Polanyi devem ser vistas como abstrações de nível médio ou tipos ideais, desenvolvidas em diálogo com um espectro de casos concretos; elas não são categorias descritivas. Entretanto, sua invocação serve a uma série de propósitos analíticos no esquema polanyiano. Entende-se que as economias são "internamente" heterogêneas; os mercados reais existem, de fato, mas em formas variegadas e sempre (pré-)institucionalizadas; não se deve esperar que determinados modos de integração garantam posições de monopólio nas economias realmente existentes, que são heterogêneas e híbridas; as lógicas e racionalidades econômicas são plurais, garantindo uma paridade de valor analítico entre os modos de integração. Ironicamente, a noção polanyiana de mercado pode ter sido a mais incompleta (Krippner, 2001), já que na maior parte das vezes, o mercado foi analisado historicamente e de uma forma que deixou múltiplas (más) interpretações em aberto: por exemplo, a questão se os mercados podem ser "mais" ou "menos" enraizados. No entanto, é justo concluir que uma visão polanyiana dos mercados (assim como dos outros modos de integração) seria fundamentada numa ontologia social: eles são constituídos por meio de processos instituídos; eles coexistem com outras formas de integração, geralmente de maneiras estranhas e contraditórias; e, na medida em que os mercados apresentam tendências de desenraizamento, longe de representarem um prelúdio do equilíbrio ou mesmo da conquista de uma "pureza", estas são, por definição, disruptivas, e provocam uma série

de reações sociais e institucionais (ou "movimentos duplos"). Nesse sentido, "o" mercado não é singular e nem uma forma estável, e certamente não é autorregulável; ao invés disso, um espectro de formas de (ou semelhantes ao) mercado pode estar presente em economias heterogêneas, realmente existentes. E, ao invés de existirem acima, para além ou por fora da política, os mercados exibem uma forma inescapavelmente política (já que são institucionalmente enraizados), estando sujeitos à contestação política recorrente e sempre disponíveis à manipulação e ao gerenciamento político.

Polanyi enfatizou repetidamente que uma "ampla variedade de combinações era possível" (Fusfeld, 1994, p. 4), o que indica, clarent, que as economias não se diferenciam simplesmente pelo grau (digamos, de mercadificação ou modernização, como se estas fossem dimensões singulares), mas pelo tipo ou pela forma qualitativa (Halperin, 1994; Peck, 2005). As economias reais são formações variegadas e combinadas (o número de combinações sendo grande, mas menor que o infinito). Polanyi foi enfático ao afirmar que os diferentes modos de integração "não devem ser considerados como 'estágios' de desenvolvimento. Não há sequência temporal implicada. Várias formas subordinadas podem estar presentes ao lado da dominante, que pode, ela mesmo, se repetir após um eclipse temporário" (Polanyi, 1957, p. 256). Essa posição é coerente com sua rejeição tanto à teleologia marxiana quanto ao equilíbrio neoclássico. No entanto, o fato de Polanyi e o grupo de Dalton terem concentrado suas energias em sociedades não-capitalistas provocou, na prática, a interpretação equivocada de que este era um quadro concebido explicitamente e apenas para os outros da economia de mercado moderna contribuindo para sua subsequente marginalização. Esta foi, certamente, a linha de ataque adotada pelos formalistas neoclássicos, como Scott Cook (1966), que parodiou a "mentalidade antimercado obsoleta" dos polanyianos, atribuindo presunçosamente sua estrutura analítica a um campo de aplicação em encolhimento, definido não somente por economias não-capitalistas, mas por economias "primitivas" e, de fato, "moribundas". Enquanto os substantivistas defendiam a posição de que as diferenças entre as economias primitivas ou de subsistência e as economias de mercado avançadas eram diferenças de tipo,¹² para os formalistas eram diferenças apenas de grau, e diferenças tipicamente dispostas em uma linha de montagem Rostoviana que

¹²O que Polanyi extraiu das evidências etnográficas sobre os povos "primitivos" foi que a ausência de motivos utilitaristas ou instrumentalistas "era, evidentemente, função da estrutura de suas sociedades que [devidamente] abriam uma janela para novas formas de interpretação da 'economia', que eram radicalmente diferentes da norma capitalista contemporânea" (Dale, 2011, p. 318).

levava da "campesinização do primitivo à *proletarização* do camponês", com o sistema de mercado representando sua forma final (Cook, 1966, p. 337, ênfase do original).

Tendo se encurralado neste mesmo canto, o grupo de Dalton teve acesso apenas às mais fracas das respostas, reificando ainda mais a associação binária inútil que havia surgido entre formalismo e capitalismo, de um lado, e substantivismo e extracapitalismo, de outro. E enquanto alguns antropólogos marxianos continuaram a trabalhar de forma criativa com conceitos como modos de integração (Godelier e Pearce, 1972; Halperin, 1994; Meillassoux, 1972), outros tornaram-se um tanto desdenhosos, citando a ausência de uma teoria de articulação entre os modos de integração (coexistentes) e de uma perspectiva plausível acerca da transformação histórica (Jenkins, 1977). Nas últimas duas décadas, porém, a tendência tem sido ler Polanyi de forma menos dogmática (em termos mais cuidadosos e genealógicos), especialmente entre aqueles que mantêm maior distância dos debates antropológicos polarizadores das décadas de 1960 e 1970, que, de acordo com a maioria dos relatos, acabaram num "beco sem saída" (Löfving, 2005, p. 11; Hann e Hart, 2011; Isaac, 2005). Em especial, a noção de uma economia variegada, heterogênea e híbrida, cujas estruturas e dinâmicas incluem, mas excedem, as do capitalismo e do mercado, ganhou força em todo um leque de tradições heterodoxas, da economia feminista à teoria da regulação, da sociologia institucionalista à economia política internacional.

Por definição, a estrutura de Polanyi não é monológica; portanto, ela abre espaço tanto para formas econômicas plurais (combinações de modos de integração, variavelmente institucionalizados) quanto para modos heterodoxos de explicação econômica (em oposição a monopólios teóricos de vários tipos). Dito isso, o escopo para a análise de economias espacialmente variegadas nesses termos só foi realizado de forma intermitente (Grabher, 2006; Peck, 2005; Peck e Theodore, 2007). Se há uma injunção polanyiana aqui, é que as explorações dessa economia heterogênea e desigualmente desenvolvida devem ser conduzidas sistematicamente, com vistas à recalibração e reconstrução teóricas; elas não devem ser um convite à celebração superficial ou mal fundamentada das diferenças geográfico-econômicas por si só. O objetivo de tais investigações substantivistas deve ser o de sondar lógicas e racionalidades subjacentes, juntamente com formas características de enraizamento social, através dos casos. Portanto, isso não deve levar à proliferação de modelos econômicos "locais" livremente relativizados (ou submodelos de enclave dentro destes), pois a variação deve ser explorada no contexto de matrizes metodológicas

rigorosamente transculturais e comparativas (consulte Pålsson e Syll, 2005). Como explica Halperin:

Não é preciso dizer que o etnocentrismo e o romantismo devem ser evitados a todo custo, mas sem conceitos que lidem com economias não-mercantilistas e formas não-capitalistas de resistência ao capitalismo, *e também com* os elementos básicos do capitalismo, os antropólogos econômicos correm o risco de impor suposições em suas análises que podem distorcer o que estão tentando dizer. Impor um sistema de oferta e demanda orientado pelo mercado a horticultores igualitários da bacia Amazônica não é melhor do que presumir que pessoas da classe trabalhadora nos Estados Unidos, muitas das quais vivem às margens (...) e dependem de uma combinação de laços familiares estendidos e da economia informal para sua subsistência, podem ser compreendidas por meio dos mesmos conceitos não-mercadorológicos que são apropriados para a compreensão de economias sem Estado baseadas em parentesco em tribos e chefias (1994, p. 9, ênfase no original).

A solução não é um relativismo explanatório de forma livre (resultando numa teoria "doméstica" da economia para cada economia observada empiricamente), mas o desenvolvimento de estratégias teóricas e metodológicas que permitam aos analistas "cruzar e entrecruzar processos econômicos organizados de formas diferentes" (Halperin, 1994, p. 10), tanto *in situ* quanto entre lugares distintos.

A antropologia econômica antiessencialista de Gudeman representa uma resposta a esse desafio. "Se quisermos mais uma vez tomar conhecimento da experiência humana, da vida cotidiana e da dinâmica dos problemas ligados à sobrevivência, seja nas áreas rurais da Colômbia ou nas periferias do mercado nas cidades modernas" argumentaram Gudeman e Rivera (1990, p. 191), "precisamos expandir nossa conversa para incluir outras comunidades de pessoas, suas práticas e suas vozes, que (...) às vezes não são tão diferentes das nossas". O trabalho subsequente de Gudeman concentrou-se na interação dialética entre o campo "próximo" da comunidade e o campo "distante" do mercado, ambos estriados de acordo com diferentes dinâmicas organizacionais e domínios de valor. Como resultado de uma caminhada de toda uma carreira, desde a loucura formalista de submeter as diversas práticas dos agricultores panamenhos às disciplinas singulares do método de Monte Carlo, passando pelo marxismo e pela teoria da dependência, até chegar na economia pós-estruturalista, a abordagem de Gudeman (2001, p. 10) destaca as *tensões* entre um domínio de mercado baseado em "relações materiais de curto prazo que são empreendidas *com o objetivo* de realizar um projeto ou garantir um bom [e/ou um bem e um] campo comunitário [no qual] os bens materiais são trocados por meio de relações que são mantidas *como um fim em si mesmo*" (ênfase no original). Essa abordagem fundamenta-se numa formulação

polanyiana incompleta, mas procura transcendê-la, calibrando um "modelo de interação comunidade-mercado" que permite explorar "as formas como as comunidades persistem e são necessárias para os mercados" e as circunstâncias em que "os mercados, às vezes, apoiam e fornecem as condições para novas comunidades" (Gudeman, 2001, p. 17). Há afinidades, aqui, com o esquema das economias comunitárias e com algumas abordagens de mercados culturalmente diferenciados (Berndt e Boeckler, 2009; Tonkiss, 2008). Se há uma limitação, ou vulnerabilidade, é que o quadro de Gudeman reproduz outro binarismo entre o mercado e o não-mercado, embora seja dialético, enquanto a formulação polanyiana abstrai na direção dum universo conceitual dividido em quatro cantos, com o entendimento de que cada canto, que corresponde a um tipo ideal (reciprocidade, redistribuição, troca, domesticidade) é, para fins práticos, despovoado, uma vez que as economias heterogêneas realmente existentes habitarão os espaços combinatórios entre eles. Este é um domínio conceitual de hibridismo multidimensional, e não um domínio caracterizado por graus variados de pureza de mercado. Ampliando o princípio polanyiano de paridade analítica, os modos de integração não-mercantis possuem suas próprias racionalidades e dinâmicas; sua designação como formas *antimercado* pode ser necessária, mas também é incompleta¹³. Eles também devem ser compreendidos nos seus próprio termos e em relação aos seus outros.

Os engajamentos recentes com a geografia dos mercados heterogêneos começaram a abrir algumas dessas questões na geografia econômica (Berndt e Boeckler, 2009; 2011; Peck, 2012b). Levar os mercados a sério – juntamente com sua construção social, institucionalização e política – claramente tem que ser mais do que uma variante heterodoxa da centralidade do mercado. A injunção polanyiana aqui seria levar em conta os mercados, mas considerá-los em meio aos seus outros e no contexto destes. Isso demanda projetos de pesquisa na área de geografia econômica que abranjam os modos de integração (por exemplo, economias e mercados comunitários ou economias corporativas e informalizadas), ao invés de se concentrar num único domínio. Significa teorizar através da diferença (econômica).

¹³ Gudeman postula, efetivamente, uma distinção lateral entre comunidade e mercado. Um contraste provocativo pode ser encontrado na concepção do antimercado de Braudel (1982), que ele posicionou acima do mercado, como o verdadeiro domínio do poder capitalista. Ambas as abordagens preservam (ou recirculam) uma noção de mercado puro, agrupando fenômenos não relacionados ao mercado num espaço antitético. Certas concepções de enraizamento social estão sujeitas a críticas por motivos semelhantes (Gemici, 2008; Krippner, 2001).

Pela dialética

O conceito de "duplo movimento" representa um dos legados mais duradouros de Polanyi. Apesar de assumir a forma um tanto enigmática de um eufemismo "incolor" [mais uma vez, talvez compreensivelmente (Halperin, 1994, p. 50)], a função desse conceito em seu esquema é essencialmente dialética, no sentido de que os movimentos duplos são momentos de contra-ação socioinstitucional, provocados pelo alcance exagerado e socialmente destrutivo da mercantilização e da mercadificação. Em *A Grande Transformação*, o capitalismo é efetivamente salvo de si mesmo, sua reprodução contraditória sendo assegurada apenas por meio de inconstâncias políticas e correntes alternadas de proteção social, sendo irônico o fato de que, embora o caminho para o capitalismo laissez-faire no século XIX tenha sido aberto pela ação coordenada do Estado, as respostas subsequentes da sociedade foram "espontâneas", diversas e politicamente variáveis (Polanyi, 1944, p. 141). Aqui, o que Burawoy (2003, pp. 198, 206) chama de *sociedade ativa* é mantido "em tensão contraditória com o mercado" e, mais especificamente, com o que Polanyi tratou como as mercadorias fictícias – terra, trabalho e moeda –, invocando uma economia sempre-mais-que-de-mercado, capaz de se desenvolver "em múltiplas direções [e] assumindo diversas configurações de Estado, sociedade e economia."

Dum lado desse processo dialético, a tripla mercantilização, sempre incompleta, da terra, do trabalho e da moeda, prepara o terreno para – e de fato, provoca inescapavelmente – *várias* formas de contra-ação socioinstitucional "protetora", que se tornam emaranhadas na forma de externalidades contraditórias dos processos de troca.¹⁴ Forjadas em conjunturas históricas e geográficas específicas, essas contra-ações são irredutivelmente políticas e, portanto, inerentemente imprevisíveis em relação à sua forma precisa (variando do fascismo ao socialismo). Ou seja, a terminologia abrangente dos movimentos duplos engloba tudo, desde a luta de classes revolucionária até o compromisso de classe covarde, e muito daquilo que não é nem mesmo encontrado entre estes dois pontos (Dale, 2010b), muito embora, pelo mesmo motivo, a força do conceito seja que essas respostas politicamente variáveis são, no limite, desencadeadas pelas (mesmas) forças

¹⁴Terra, trabalho e moeda são pseudomercadorias nos termos de Polanyi, uma vez que são social, ecológica e politicamente (re)produzidos, nunca feitos para (venda n)o mercado e apenas parcialmente (e mal) regulados pelos mecanismos de preços.

contraditórias da mercadificação – o que exige exatamente o tipo de diagnóstico situacional nos quais Polanyi insistia, que abrange vários modos de integração e domínios institucionais esticados. Estes dizem respeito a algumas das maneiras pelas quais os mercados são propensos a "transbordar" na direção das esferas sociais, infiltrando-se em outros modos de integração, gerando atritos institucionais e provocando novas articulações entre o domínio das trocas e seus outros. (Mais uma vez, a compreensão adequada dos mercados exige uma abordagem que vá além deles).

Assim como o período correspondente à vida de Polanyi foi da dissolução do capitalismo liberal até os movimentos duplos de longo prazo do socialismo de Estado, do autoritarismo e do capitalismo keynesiano, ele não previu, e nem aparentemente acreditou, que os grandes erros históricos do laissez-faire do século XIX se repetiriam. No entanto, seu esquema conceitual encontrou relevância póstuma no contexto do modo profundamente politizado de governo conduzido pelo mercado que é o globalismo neoliberal. Como o "governo de mercado" realmente existente dificilmente pode ser explicado na linguagem dos livros didáticos neoclássicos, aos quais sua ideologia governante formalmente se submete, torna-se necessário recorrer a relatos da mercadificação contemporânea que enfatizam, de várias maneiras, a sua forma *constitutivamente* cultural, política, sociológica e institucional. Complementando, e não substituindo, a ênfase marxiana nas tendências de crise no processo de acumulação e no local de trabalho como um locus da política, a preocupação de Polanyi com as contradições do nexo de mercado provou ser notavelmente presciente, numa era marcada por crises compostas de desregulamentação e financeirização, e pela mercantilização acelerada dos mundos natural e social (Block, 2012; Harvey, 2005; Watts, 2007). Nas mãos de Burawoy, e em conjunto com uma releitura complementar de Gramsci, isso fornece o estímulo para uma reconstrução metodológica ambiciosa, posicionada propositalmente além do marxismo clássico. Essa forma revigorada de marxismo sociológico é propositalmente moldada para as circunstâncias contemporâneas do capitalismo expansivamente variegado (mas ainda não total ou universal) e da globalização do governo dos mercados (embora ainda imperfeita e contraditória):

Ao invés da tendência do capitalismo de gerar as condições de seu próprio fim, temos o capitalismo gerando uma sociedade que contém e absorve as tendências de crise em direção à autoliquidação. Em segundo lugar, ao invés da polarização e do aprofundamento da luta de classes, temos a organização da luta no terreno da hegemonia. [E no lugar da] visão linear da história [reconhecemos] a independência dos desenvolvimentos econômicos e políticos, de modo que, ao invés de se alinhar na direção dum futuro singular, o capitalismo avançado se

espalha ao longo de diferentes artérias, cada uma com diferentes possibilidades. As crises políticas, e não as econômicas, são os interruptores que direcionam os países para diferentes caminhos. Além disso, a resolução específica de crises em uma nação pode redirecionar a trajetória de outras nações. Esse é o último prego no caixão da história linear – não somente não há uma dimensão única de maturidade ao longo da qual as nações possam ser organizadas, não somente o motor do desenvolvimento é composto de forças econômicas e políticas, mas as pressões e os obstáculos ao desenvolvimento vêm de outras nações, e de determinada localização na própria ordem global (Burawoy, 2003, p. 231-232).

Ao invés das histórias mecânicas e lineares ou da análise teleológica do capitalismo globalizado, este movimento abre um caminho (neopolanyiano) para geografias históricas relacionais das transformações econômicas variegadas, geradas por crises e contradições, e por uma panóplia de modelos, estratégias e imaginários de desenvolvimento. O desafio analítico e metodológico é o de teorizar através – de fato, completamente através – de economias espacialmente diferenciadas e heterogêneas. No contexto do globalismo neoliberal, isso deve problematizar as múltiplas contradições do nexo do mercado, mas deve sempre fazê-lo numa estrutura analítica que exceda este nexo – no sentido de uma adoção simultânea de uma política extra-neoliberal e duma visão mais do que capitalista da vida socioeconômica.

A força motriz de tais processos dialéticos – nunca atingindo o equilíbrio, nunca marchando em progressão linear, nunca tendendo a um ponto final teleológico, mas estando sujeita a repetidas disrupções por processos de mercadificação conceitualmente "desintegradores" – pode parecer um tanto contraditória em relação à conhecida metáfora polanyiana do enraizamento. De fato, se a "raiz" social for concebida em termos literal e simplisticamente estáticos, há um risco real de que o enraizamento se torne uma desculpa metodológica conservadora para a inércia institucional, a resistência social e a complacência política. (O Egito, tenha certeza, sempre será o Egito, não importa quão agressivas sejam as forças da mercadificação capitalista). Entretanto, os movimentos duplos devem ser vistos como uma fonte inquieta e variável de dinamismo aberto e indeterminação política, cujos riscos e fins nunca são fixos. (Vide: Egito.) Embora o enraizamento tenha representado um passo significativo na crítica histórica de Polanyi às patologias do capitalismo laissez-faire e à cumplicidade da economia de livre mercado, servindo como um corretivo à noção de uma economia de mercado autopropulsora, suas desvantagens incluem a restauração inadvertida de um tipo diferente de divisão singular entre mercado e não mercado, juntamente com a impressão ilusória de que as forças economicamente dinâmicas residem

nos mercados (desenraizamento), enquanto o "ambiente" social, ecológico e institucional é um espaço de inércia, fonte de respostas reativas (ou mesmo defensivas).

Elevado ao status de concepção teórica maestra, o enraizamento ameaça "dessocializar" o mercado mais uma vez (Dale, 2011; Krippner, 2001), embora por meios mais heterodoxos, ou seja, sequestrando o domínio socioinstitucional para as "raízes" ou para outros modos de integração, ao invés de insistir na teorização socioinstitucional *dos* mercados, por assim dizer, até o fim. Em contraposição a Block (2003), Burawoy (2003, p. 255) também se recusa a privilegiar o conceito de enraizamento, alegando que isso não passa de justificativa débil para uma "sociologia estática" da diferença econômica transversal, em oposição a uma compreensão mais dialética da transformação relacional e incansavelmente contraditória (ver também Gemici, 2008; Krippner, 2001; Krippner et al, 2004; Vidal e Peck, 2012). Igualmente necessário, para essa última tarefa, é o "senso incomum" do método comparativo, uma vez que ele pode abrir o potencial para encontrar mercados (no plural) em geometrias variáveis com outros modos de integração, juntamente com uma série de respostas sociais e políticas no estilo do duplo movimento.

Pelo comparativismo

Um objetivo de longo alcance do projeto polanyiano era um estilo pós-disciplinar de *economia comparativa*, dedicado à tarefa de ampliar "áreas de comparação fértil" (Dalton, 1965, p. 2). Polanyi era um crítico rigoroso e incansável tanto do determinismo quanto do solipsismo econômicos. Ele insistia que todas as formações e relações econômicas devem ser consideradas dentre suas alternativas, distantes e próximas. Daí suas preocupações programáticas com "o lugar mutável [da] economia na sociedade" e com a forma variável em que "o processo econômico é instituído em diferentes momentos e lugares" (Polanyi, 1959, p. 168). Isso implicou não apenas críticas à racionalidade universal e ao raciocínio solipsista associados a uma "mentalidade de mercado" singular, mas também relatos conceitual e *politicamente* geradores de formas alternativas de coordenação econômica, como a redistribuição ou a reciprocidade, concebidas positivamente e em seus próprios termos. No entanto, a aplicação de um método polanyiano deve envolver mais do que a descrição densa de economias locais distintas, representadas em categorias de senso comum, uma vez que essas últimas (e o olhar empírico que elas pré-constituem) sempre tendem a ser etnocêntricas (Gudeman, 2001; Halperin, 1984). Portanto, a interrogação

consciente de conceitos e proto-teorias extralocais sempre revisáveis deve desempenhar um papel central na metodologia da economia comparada. E a comparação também pode ser metodologicamente disruptiva, no sentido de que deve ir além do simples mapeamento das condições econômicas locais, buscando, na prática, posicionar as socioeconomias locais dentro de um enquadramento espacial-relacional reflexivo e colocar as práticas, os saberes e os imaginários econômicos locais em diálogo com outros contextos extralocais. A comparação, nesse contexto, desempenha a função de uma alavanca metodológica, abrindo novas maneiras de se ver o econômico-familiar e, ao mesmo tempo, expandindo o repertório de arranjos alternativos, alcançados e imaginados.

É aqui que os perigos de separar os "dois Polanyis" (o reformista e o radical), ou de tirar conclusões inadequadas de seu programa de pesquisa incompleto, mais uma vez se fazem presentes. E, mais uma vez, há a necessidade de um Polanyi mais completo do que aquele que a história deixou para trás. O próprio projeto de uma economia comparativa pancultural de Polanyi permaneceu incompleto ao final de sua vida, em parte como resultado da necessidade que ele aparentemente sentia de contornar, ao invés de se envolver diretamente com os capitalismos avançados em seu próprio quintal. Como resultado, o capitalismo variegado não foi explicitamente localizado no esquema conceitual de Polanyi, apesar de toda a sua presença implícita. Evidentemente, a ascensão subsequente do capitalismo neoliberal significa que esse assunto inacabado deve ser agora abordado, e de forma explícita e não oblíqua. Portanto, são necessárias metodologias para encontrar e *explicar* as diferenças, que não apenas abranjam, mas excedam as formações arquipelágicas e arteriais do capitalismo globalizado (Peck e Zhang, 2013; Block, 2012). Uma abordagem "Polanyi-plus" da socioeconomia comparativa deve implicar explorações metodológicas criativas e que cruzem as fronteiras, abrangendo formas capitalistas e não capitalistas, o mercado e seus outros. No entanto, isso não precisa ser visto como uma extensão imodesta do projeto de Polanyi, mas sim como uma contribuição para sua realização. "Nada poderia ser mais prejudicial para uma compreensão genuína da obra de Polanyi", argumentou Gérald Berthoud (1990, p. 171), do que a separação entre o Polanyi "teórico das sociedades primitivas e arcaicas" e o Polanyi "crítico radical de nossa modernidade econômica", uma vez que isso trairia aquilo que é uma abordagem profunda e disruptivamente comparativa. É com base nisso que Polanyi defende uma forma enriquecida de economia substantivista e contra a racionalidade universalizante e achatadora do individualismo metodológico.

Atomizar a sociedade e fazer com que cada átomo individual se comporte de acordo com os princípios do racionalismo econômico, de certa forma, colocaria toda a existência humana, com toda a sua profundidade e riqueza, no quadro de referência do mercado. Isso, é claro, não funcionaria de fato – os indivíduos têm personalidades e a sociedade tem uma história. A personalidade se desenvolve com a experiência e a educação; a ação implica paixão e risco; a vida exige fé e crença; a história é luta e derrota, vitória e redenção (Polanyi, 1977, p. 14).

Por isso, torna-se necessária uma estratégia metodológica alternativa e não ortodoxa, baseada nos princípios do holismo e do institucionalismo. Essa estratégia deve se envolver de forma crítica e, ao mesmo tempo, exceder o que Polanyi chamou de "forma de mercado das coisas", passando a atender às muitas formas que os próprios mercados realmente existentes assumem (no contexto de um amplo espectro de arranjos coabitativos). Estratégias concretas de pesquisa que provincianizam de modo variado, contextualizam e institucionalizam os mercados assumem, conseqüentemente, um significado especial aqui, juntamente com os esforços para documentar, interrogar e expandir propositalmente os entendimentos do papel e do alcance (e na verdade, o repertório) dos modos de integração não mercantis (reciprocidade, redistribuição, domesticidade, ...), a fim de ampliar o imaginário socioeconômico e catalisar a busca pelo que pode ser chamado de alternativas "funcionais", estendendo-se ao que foi denominado mais recentemente como "utopias reais" (Burawoy, 2003; Wright, 2010).

É provável que não seja necessário dizer que tais esforços combinam pertinência analítica com urgência social num momento histórico como este, quando as racionalidades de mercado adquiriram, novamente, força política e poder hegemônico. Neste contexto, impõem-se comparações relacionais, que vão além da comparação estática de casos geograficamente distintos, de modo a incluir territórios de pesquisa que estão, ao mesmo tempo, conectados e separados por modos e processos comuns de integração. Trata-se de priorizar estratégias de pesquisa que atravessem ou cruzem esses modos de integração, destacando seus limites, conflitos, intersecções, tolerâncias mútuas e transbordamentos, tanto dentro dos próprios territórios espacialmente delimitados quanto entre eles. (Burawoy, 2009; Peck, 2012b). O que está em jogo nesse tipo de investigação são tanto os modelos "populares" quanto os modelos analíticos de economia (Gudeman, 2001), interrogando socioeconomias heterogêneas por meio de abordagens comparativas e históricas. Trata-se de não privilegiar, de forma prévia ou unilateral, nem as visões dominantes nem as alternativas, mas de posicionar cada uma delas, de forma holística, em relação às suas outras.

Se, por um lado, questionar o universalismo de mercado é, de fato, um gesto instintivo nas abordagens heterodoxas da economia, não é menos importante evitar o isolamento analítico das economias alternativas ou comunitárias. Esse último tipo de manobra secessionista pode ser executado com a melhor das intenções, para preservar e, de fato, promover economias não capitalistas, mas ela pouco contribui para o avanço da compreensão de como essas economias podem ser reproduzidas em tempos de neoliberalismo tardio, sob disciplinas competitivas, à sombra do poder corporativo ou na companhia de outros hostis ou pouco colaborativos (Crouch, 2011). Mesmo que ele certamente teria reconhecido o alcance generalizado e as diversas implicações da hegemonia neoliberal, Polanyi não era um fatalista. Afinal, para Polanyi é a política que, em última instância, molda as economias, e não o contrário (Block, 2012). A busca por formas de vida mais humanas e sustentáveis poderia ser facilitada pela crítica contundente e pela desnaturalização das condições atuais, juntamente com explorações criativas da economia política de alternativas.

A teorização com e através da heterogeneidade (socioeconômica, geográfica, histórica etc.) pode ser considerada parte integrante de uma sensibilidade metodológica polanyiana. Ela deve levar em conta os padrões institucionalizados das relações econômicas e sua evolução histórica; deve (especialmente no contexto do capitalismo neoliberal) problematizar o poder dos mercados, ao mesmo tempo em que posiciona suas expressões realmente existentes em relação aos seus vários outros e a suas alternativas; deve-se isolar, mas também abranger, os modos de integração, levando em conta suas interfaces, interações e interdependências; e deve ser constitutivamente comparativa, expondo diferenças salientes e conexões relacionais entre economias variegadas, tanto *in situ* quanto entre lugares. A abordagem não precisa ser programaticamente antimercado, mas, no mínimo, insistir que os mercados existem em "muitas variantes" e que um alcance metodológico adequado deve abranger aquele "quadro de referência mais amplo ao qual o próprio mercado se refere" (Polanyi, 1959, p. 182, 184; Cahill e Paton, 2011; Peck, 2012b). Ademais, essencialmente, as condições históricas do globalismo neoliberal exigem que se preste atenção à mercadificação das relações entre as economias (locais); uma metodologia polanyiana enriquecida, complementada com o alcance do sistema mundial do marxismo sociológico ou abordagens complementares do capitalismo variegado e da urbanização planetária (Brenner e Schmid, 2012; Burawoy, 2003; Peck e Theodore, 2007), deve proporcionar mais

do que a desconstrução "interna" de economias heterogêneas; ela também deve atender a questões de desenvolvimento espacial desigual através dessas economias.

Conclusão: diferenças substanciais?

Karl Polanyi é comumente considerado um teórico inspirador, mas um tanto idiossincrático. Suas advertências analíticas são invariavelmente provocativas e, muitas vezes, fecundas, mas também podem ser enigmáticas e inconsistentes. Ele pode ter percorrido o caminho da economia substantivista, mas essa foi uma jornada que ele nunca chegou a concluir. Polanyi defendeu o enriquecimento do repertório da análise socioeconômica por meio de comparações ambiciosas e que ampliam as categorias, tanto histórica quanto geograficamente, mas ele é vulnerável à acusação de que tanto o seu próprio tempo quanto os lares que adotou foram negligenciados no processo. Sua crítica do capitalismo foi, em grande parte, histórica, enquanto as aplicações do pós-guerra da economia substantivista favoreceram casos "exóticos" do mundo pré-capitalista. O argumento desenvolvido neste artigo é que, embora seja importante reconhecer essas limitações, na medida em que refletem um programa mais amplo que, por diversos motivos, foi frustrado, não há razão para que isso continue a impedir os desdobramentos contemporâneos desse programa. Daí a abordagem adotada aqui, que lê o legado polanyiano de forma cooperativa e criativa — não em busca de regras rígidas ou formulações acabadas, mas de seu potencial metodológico.

Como todas as leituras, esta também é situacional. E a situação, neste caso, é a da geografia econômica contemporânea. O trabalho nesse campo pode ser creditado por sua abertura metodológica, embora poucas de suas normas e rotinas tenham sido completamente codificadas (Barnes et al, 2007). Assim sendo, as implicações completas da noção de economia socialmente construída ainda precisam ser confrontadas, apesar de todo o seu apoio tácito em toda a subdisciplina (Jones e Murphy, 2011; Vidal e Peck, 2012). Além disso, ainda há uma surpreendente escassez de projetos de pesquisa comparativa na geografia econômica, especialmente quando são utilizados para investigar seriamente e testar teorias emergentes (Burawoy, 2009; Peck, 2012a). É aqui, em particular, que se pode estabelecer uma causa comum em relação aos programas polanyianos inacabados da socioeconomia substantivista e da "economia comparativa", que têm experimentado uma espécie de

renascimento nos últimos anos (Bugra e Agartan, 2007; Dale, 2010a; Hann e Hart, 2009, 2011; Harvey et al, 2007). Isso valoriza a teorização reflexiva, em diálogo com uma ampla gama de casos concretos, rejeitando tanto o indutivismo ingênuo quanto o dedutivismo inflexível. Mesmo não sendo um empiricista (Gudeman, 2001), Polanyi nunca deixou de aprender com seus casos e, ao mesmo tempo, trabalhou para localizá-los tanto em termos (geo)históricos quanto num esquema conceitual dinâmico. De fato, ele enfatizou a "necessidade de circunspecção antes de se tentar mapear o lugar cambiante das economias concretas nas sociedades reais" (Polanyi, 1960, p. 332). Essa foi a justificativa para o desenvolvimento de projetos de pesquisa que ultrapassam as fronteiras, com o potencial de reconstruir, ao invés de apenas afirmar, teorias emergentes.

A abordagem de Polanyi a esses desafios, como foi esquematicamente sintetizado aqui, parece ser bastante complementar à prática (atual e emergente) da geografia econômica: ela se envolve "substancialmente" com as formações econômicas realmente existentes, situando-as histórica e geograficamente; toma como axiomática a variabilidade, ou a variação, dessas economias reais, implantando estratégias de pesquisa concretas para sondar os registros, as valências, os motivadores e as consequências das diferenças evidenciadas; reconhece devidamente a heterogeneidade irreduzível das economias híbridas realmente existentes, ao mesmo tempo em que se esforça para entender as relações mutuamente constitutivas entre as partes móveis e o todo em transformação; permanece atenta à dialética da mercadificação capitalista, sustentando tensões analíticas criativas entre os entendimentos das suas lógicas e limites; e é cética em relação às reivindicações universalistas, encontrando na diferença e na diferenciação mais do que ruídos contingentes ou desvios errôneos, mas a base para pontos de ramificação, potencialidades conjunturais e caminhos alternativos.

Há, sem dúvida, sobreposições entre esses instintos — ou inclinações — metodológicos e aqueles presentes na geografia econômica realmente existente em sua forma do início do século XXI. Mas a complementaridade passiva não é o mesmo que o engajamento ativo. As invocações *en passant* de Polanyi não serão suficientes, pois seu esquema é programaticamente incompleto, e precisa ser "trabalhado" ao invés de simplesmente aplicado. Nesse sentido, a promessa de uma geografia econômica polanyiana mais engajada pode ser construtivamente disruptiva em relação à prática existente na área. Ela pode ser lida como uma provocação para se aprofundar e ir além — para se aprofundar nas questões substantivistas em torno da coabitação (e institucionalização) contraditória de

formas econômicas diferentes, em combinações heterogêneas, e para se aprofundar nos domínios comparativos, tanto histórica quanto geograficamente. Daí o escopo para um engajamento prospectivo com o legado polanyiano e com os vários programas de pesquisa neopolanyianos que surgiram na última década. Ao se engajarem dessa forma, geógrafos econômicos certamente ainda têm contribuições próprias e distintas a oferecer na tarefa contínua de *mapear o lugar em transformação das economias concretas nas sociedades realmente existentes*.

Agradecimentos

Este artigo deve sua existência a uma caminhada pela região de Pilbara, na Austrália Ocidental, organizada por Matthew Tonts e Paul Plummer. Ele foi escrito como uma espécie de prévia para uma análise polanyiana daquele lugar fascinante e desconcertante, posteriormente apresentada no workshop "Economic sociology meets economic geography" (A sociologia econômica encontra a geografia econômica) na Universidade de Columbia, em 23 de fevereiro de 2012. Sou grato a Koen Frenken, Gernot Grabher, David Stark, Josh Whitford e aos outros participantes do workshop por suas sugestões produtivas. Agradeço também a Martin Hess, Janelle Knox-Hayes, Chris Muellerleile e Bill Sites, além de quatro revisores anônimos e do editor responsável, Henry Yeung, pelos comentários sobre uma versão anterior do artigo, embora eles não tenham nenhuma responsabilidade pelos erros e ambiguidades remanescentes.

Referências

- ADAMAN, F.; MADRA, Y. M. (2002). Theorizing the 'third sphere': A critique of the persistence of the 'economistic fallacy'. *Journal of Economic Issues*, 36, p. 1045–1078.
- BARBER, B. (1995). All economies are 'embedded': The career of a concept, and beyond. *Social Research*, 62, p. 387–413.
- BARNES, T. J.; PECK, J.; SHEPPARD, E.; TICKELL, A. (2007). Methods matter: Transformations in economic geography. In: TICKELL, A.; SHEPPARD, E.; PECK, J.; BARNES, T. J. (eds.) *Politics and Practice in Economic Geography*. London: SAGE, p. 1–24.
- BERNDT, C.; BOECKLER, M. (2009). Geographies of circulation and exchange: Constructions of markets. *Progress in Human Geography*, 33, p. 535–551.

- BERNDT, C.; BOECKLER, M. (2011). Geographies of markets: Materials, morals and monsters in motion. *Progress in Human Geography*, 35, p. 559–567.
- BERTHOUD, G. (1990). Toward a comparative approach: The contribution of Karl Polanyi. In: POLANYI-LEVITT, K. (ed.) *The Life and Work of Karl Polanyi*. Montréal: Black Rose Books, p. 171–182.
- BLOCK, F. (2000). Deconstructing capitalism as a system. *Rethinking Marxism*, 12, p. 83–98.
- BLOCK, F. (2003). Karl Polanyi and the writing of *The Great Transformation*. *Theory and Society*, 32, p. 275–306.
- BLOCK, F. (2012). Varieties of what? Should we still be using the concept of capitalism? In: GO, J. (ed.) *Political Power and Social Theory*, 23, p. 269–291.
- BLOCK, F.; SOMERS, M. R. (1984). Beyond the economistic fallacy: The holistic social science of Karl Polanyi. In: SKOCPOL, T. (ed.) *Vision and Method in Historical Sociology*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 47–84.
- BRAUDEL, F. (1982). *Civilization and Capitalism, 15th–18th Century*. New York: Harper and Row.
- BRENNER, N.; SCHMID, C. (2012). Planetary urbanisation. In: GANDY, M. (ed.), *Urban Constellations*. Berlin: Jovis, p. 10–13.
- BRENNER, N.; MADDEN, D. J.; WACHSMUTH, D. (2011). Assemblage urbanism and the challenges of critical urban theory. *City*, 15, p. 225–240.
- BUGRA, A.; AGARTAN, K. (eds.) (2007). *Reading Karl Polanyi for the Twenty-first Century: Market Economy as a Political Project*. New York: Palgrave Macmillan.
- BURAWOY, M. (2003). *For a sociological Marxism: The complementary convergence of Antonio Gramsci and Karl Polanyi*. *Politics and Society*, 31, p. 193–261.
- BURAWOY, M. (2009). *The Extended Case Method: Four Countries, Four Decades, Four Great Transformations*. Berkeley, CA: University of California Press.
- CANGIANI, M. (1994). Prelude to *The Great Transformation*: Karl Polanyi's articles for *Der Oesterreichische Volkswirt*. In: McROBBIE, K. (ed.) *Humanity, Society and Commitment: On Karl Polanyi*. Montréal: Black Rose Books, p. 7–24.
- CAHILL, D.; PATTON, J. (2011). 'Thinking socially' about markets. *Journal of Australian Political Economy*, 68, p. 8–26.
- CANGIANI, M. (2011). Karl Polanyi's institutional theory: Market society and its 'disembedded' economy. *Journal of Economic Issues*, 45, p. 177–198.
- COOK, S. (1966). The obsolete 'anti-market' mentality: A critique of the substantive approach to economic anthropology. *American Anthropologist*, 68, p. 323–345.

COSER, L. A. (1984). *Refugee Scholars in America: Their Impact and Their Experiences*. New Haven, CT: Yale University Press.

CROUCH, C. (2011). *The Strange Non-death of Neoliberalism*. Cambridge: Polity.

DALE, G. (2010a). *Karl Polanyi: The Limits of the Market*. Cambridge: Polity.

DALE, G. (2010b). Social democracy, embeddedness and decommodification: On the conceptual innovations and intellectual affiliations of Karl Polanyi. *New Political Economy*, 15, p. 369–393.

DALE, G. (2011). Lineages of embeddedness: On the antecedents and successors of a Polanyian concept. *American Journal of Economics and Sociology*, 70, p. 306–339.

DALTON, G. (1965). Primitive, archaic, and modern economies: Karl Polanyi's contribution to economic anthropology and comparative economy. In: HELM, J.; BOHANNAN, P.; SAHLINS, M. (eds.), *Essays in Economic Anthropology*. Seattle, WA: American Ethnological Society and University of Washington, p. 1–24.

DALTON, G. (1990). Writings that clarify theoretical disputes over Karl Polanyi's work. *Journal of Economic Issues*, 24, p. 249–261.

DESPAIN H G, 2011, "Karl Polanyi's metacritique of the liberal creed: reading Polanyi's social theory in terms of dialectical critical realism". *Journal of Critical Realism*, 10 277–302.

DOWLING, J. H. (1979). The goodfellows vs. the Dalton gang: The assumptions of economic anthropology. *Journal of Anthropological Research*, 35, p. 292–308.

DOWNWARD, P.; MEARMAN, A. (2007). Retrodution as mixed-methods triangulation in economic research: Reorienting economics into social science. *Cambridge Journal of Economics*, 31, p. 77–99.

DUNN, E. (2007). Of pufferfish and ethnography: Plumbing new depths in economic geography. In: TICKELL, A.; SHEPPARD, E.; PECK, J.; BARNES, T. J. (eds.) *Politics and Practice in Economic Geography*. London: SAGE, p. 82–93.

FLEETWOOD, S. (2001). Causal laws, functional relations and tendencies. *Review of Political Economy*, 13, p. 201–220.

FUSFELD, D. J. (1994). Karl Polanyi's lectures on General Economic History: A student remembers. In: McROBBIE, K. (ed.) *Humanity, Society, and Commitment: On Karl Polanyi*. Montréal: Black Rose Books, p. 1–6.

GEMICI, K. (2008). Karl Polanyi and the antinomies of embeddedness. *Socio-Economic Review*, 6, p. 5–33.

GERTLER, M. S. (2010). Rules of the game: The place of institutions in regional economic change. *Regional Studies*, 44, p. 1–15.

GIBSON-GRAHAM, J. K. (2008). Diverse economies: Performative practices for ‘other worlds’. *Progress in Human Geography*, 32, p. 613–632.

GODELIER, M.; PARCE, B. (1972). *Rationality and Irrationality in Economics*. New York: Monthly Review Press.

GRABHER, G. (2006). Trading routes, bypasses, and risky intersections: Mapping the travels of ‘networks’ between economic sociology and economic geography. *Progress in Human Geography*, 30, p. 163–189.

GRANOVETTER, M. (1985). Economic action and social structure: The problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, 91, p. 481–510.

GUDEMAN, S. (1978). *The Demise of a Rural Economy: From Subsistence to Capitalism in a Latin American Village*. Boston, MA: Routledge and Kegan Paul.

GUDEMAN, S. (2001). *The Anthropology of Economy: Community, Market, and Culture*. Oxford: Wiley-Blackwell.

GUDEMAN, S.; RIVERA, A. (1990). *Conversations in Colombia: The Domestic Economy in Life and Text*. Cambridge: Cambridge University Press.

HALPERIN, R. H. (1984). Polanyi, Marx, and the institutional paradigm in economic anthropology. In: ISAAC, B. L. (ed.) *Research in Economic Anthropology*, 6, p. 245–272. Greenwich, CT: JAI Press.

HALPERIN, R. H. (1994). *Cultural Economies Past and Present*. Austin, TX: University of Texas Press.

HANN, C.; HART, K. (eds.) (2009). *Market and Society: The Great Transformation Today*. Cambridge: Cambridge University Press.

HANN, C.; HART, K. (2011). *Economic Anthropology: History, Ethnography, Culture*. Cambridge: Cambridge University Press.

HARVEY, D. (2005). *A Brief History of Neoliberalism*. Oxford: Oxford University Press.

HARVEY, M.; RAMLOGAN, R.; RANGLES, S. (eds.) (2007) *Karl Polanyi: New Perspectives on the Place of the Economy in Society*. Manchester: Manchester University Press.

HESS, M. (2004). ‘Spatial’ relationships? Towards a reconceptualization of embeddedness. *Progress in Human Geography*, 28, p. 165–186.

HOLLINGSWORTH, J. R.; BOYER, R. (1997). Coordination of economic actors and social systems of production. In: HOLLINGSWORTH, J. R.; BOYER, R. (eds.) *Contemporary Capitalism: The Embeddedness of Institutions*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1–48.

HUMPHREYS, S. C. (1969). History, economics, and anthropology: The work of Karl Polanyi. *History and Theory*, 8, p. 165–212.

ISAAC, B. L. (2005). Karl Polanyi. In: CARRIER, J. G. (ed.) *A Handbook of Economic Anthropology*. Cheltenham, Glos: Edward Elgar, p. 1–25.

JENKINS, A. (1977). ‘Substantivism’ as a theory of economic forms. In: HINDESS, B. (ed.) *Sociological Theories of the Economy*. London: Macmillan, p. 66–91.

JESSOP, B. (2012). Rethinking the diversity and variability of capitalism: On variegated capitalism in the world market. In: WOOD, G. T.; LANE, C. (eds.) *Capitalist Diversity and Diversity within Capitalism*. London: Routledge, p. 209–237.

JONES, A.; MURPHY, J. T. (2011). Theorizing practice in economic geography: Foundations, challenges, and possibilities. *Progress in Human Geography*, 35, p. 366–392.

KAPLAN, D. (1968). The formal–substantive controversy in economic anthropology: Reflections on its wider implications. *Southwestern Journal of Anthropology*, 24, p. 228–251.

KRIPPNER, G. R. (2001). The elusive market: Embeddedness and the paradigm of economic sociology. *Theory and Society*, 30, p. 775–810.

KRIPPNER, G.; GRANOVETTER, M.; BLOCK, F.; BIGGART, N.; BEAMISH, T.; HSING, Y.; HART, G.; ARRIGHI, G.; MENDELL, M.; HALL, J.; BURAWOY, M.; VOGEL, S.; O’RIAIN, S. (2004). Polanyi symposium: A conversation on embeddedness. *Socio-Economic Review*, 2, p. 109–135.

LÖFVING, S. (2005). Introduction: Peopled economies. In: LÖFVING, S. (ed.) *Peopled Economies: Conversations with Stephen Gudeman*. Uppsala: Interface, p. 1–28.

MACKINNON, D.; CUMBERS, A.; PIKE, A.; BIRCH, K.; MCMASTER, R. (2009). Evolution in economic geography: Institutions, political economy, and adaptation. *Economic Geography*, 85, p. 129–150.

MCROBBIE, K. (1994). From class struggle to the ‘clean spring’. In: McROBBIE, K. (ed.), *Humanity, Society, and Commitment: On Karl Polanyi*. Montréal: Black Rose Books, p. 45–80.

MEILLASSOUX, C. (1972). From reproduction to production. *Economy and Society*, 1, p. 93–105.

MURPHY, J. T. (2008). Economic geographies of the Global South: Missed opportunities and promising intersections with development studies. *Geography Compass*, 2, p. 851–873.

PÅLSSON SYLL, L. (2005). The pitfalls of postmodern economics: Remarks on a provocative project. In: LÖFVING, S. (ed.) *Peopled Economies: Conversations with Stephen Gudeman*. Uppsala: Interface, p. 83–114.

PECK, J. (2005). Economic sociologies in space. *Economic Geography*, 81, p. 129–175.

PECK, J. (2010). *Constructions of Neoliberal Reason*. Oxford: Oxford University Press.

- PECK, J. (2012a). Economic geography: Island life. *Dialogues in Human Geography*, 2, p. 113–133.
- PECK, J. (2012b). On the waterfront. *Dialogues in Human Geography*, 2, p. 165–170.
- PECK, J.; THEODORE, N. (2007). Variegated capitalism. *Progress in Human Geography*, 31, p. 731–772.
- PECK, J.; ZHANG, J. (2013). A variety of capitalism ... with Chinese characteristics? *Journal of Economic Geography*, 13, p. 357–396.
- POLANYI, K. (1944). *The Great Transformation*. Boston, MA: Beacon Press.
- POLANYI, K. (1957). The economy as instituted process. In: POLANYI, K.; ARENSBERG, C. M.; PEARSON, H. W. (eds.) *Trade and Market in the Early Empires: Economies in History and Theory*. New York: Free Press, p. 243–269.
- POLANYI, K. (1959). Anthropology and economic theory. In: FRIED, M. F. (ed.) *Readings in Anthropology*, Volume 2. New York: Crowell, p. 161–184.
- POLANYI, K. (1960). On the comparative treatment of economic institutions in antiquity, with illustrations from Athens, Mycenae, and Alalakh. In: KRAELING, C. H.; ADAMS, R. M. (eds.) *City Invincible*. Chicago, IL: University of Chicago Press, p. 329–350.
- POLANYI, K. (1977). *The Livelihood of Man*. New York: Academic Press.
- POLANYI, K.; ARENSBERG, C. M.; PEARSON, H. W. (eds.) (1957). *Trade and Market in the Early Empires: Economies in History and Theory*. New York: Free Press.
- POLANYI-LEVITT, K. (1990). The origins and significance of The Great Transformation. In: POLANYI-LEVITT, K. (ed.) *The Life and Work of Karl Polanyi*. Montréal: Black Rose Books, p. 111–124.
- POLANYI-LEVITT, K.; MENDELL, M. (1987). *Karl Polanyi: His life and times*. Studies in Political Economy, 22, p. 7–39.
- POLLARD, J.; MCEWAN, C.; LAURIE, N.; STENNING, A. (2009). Economic geography under postcolonial scrutiny. *Transactions of the Institute of British Geographers*, New Series, 34, p. 137–142.
- ROSSI, U. (2013). On the varying ontologies of capitalism: Embeddedness, dispossession, subsumption. *Progress in Human Geography*, 37, p. 348–365.
- ROTHBARD, M. N. ([1961] 2004). *Down with primitivism: A thorough critique of Polanyi*. Accessed at Mises Institute.
- SAHLINS, M. D. (1972). *Stone Age Economics*. Hawthorne, NY: Aldine.
- SAUL, M. (2005). Africa south of the Sahara. In: CARRIER, J. G. (ed.) *A Handbook of Economic Anthropology*. Cheltenham, Glos: Edward Elgar, p. 500–514.

- SAYER, A. (1992). *Method in Social Science: A Realist Approach*. London: Routledge.
- SHEPPARD, E. (2011). Geographical political economy. *Journal of Economic Geography*, 11, p. 319–331.
- SILVER, B. J.; ARRIGHI, G. (2003). *Polanyi's 'double movement': The belle époques of British and US hegemony compared*. *Politics and Society*, 31, p. 325–355.
- TONKISS, F. (2008). Postcapitalist politics? *Economy and Society*, 37, p. 304–312.
- VIDAL, M.; PECK, J. (2012). Sociological institutionalism and the socially constructed economy. In: BARNES, T. J.; PECK, J.; SHEPPARD, E. (eds.) *The Wiley-Blackwell Companion to Economic Geography*. Oxford: Wiley-Blackwell, p. 594–611.
- WATTS, M. (2007). What might resistance to neoliberalism consist of? In: HEYNEN, N.; MCCARTHY, J.; PRUDHAM, S.; ROBBINS, P. (eds.) *Neoliberal Environments: False Promises and Unnatural Consequences*. New York: Routledge, p. 273–278.
- WRIGHT, E. O. (2010). *Envisioning Real Utopias*. New York: Verso.